



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA

JOSÉ CLEITON DA SILVA FREITAS

**O CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL:
SENSIBILIZANDO SOBRE PROBLEMAS SOCIOAMBIENTAIS DECORRENTES DA
CAÇA DE ANIMAIS SILVESTRES**

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2023

JOSÉ CLEITON DA SILVA FREITAS

**O CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL:
SENSIBILIZANDO SOBRE PROBLEMAS SOCIOAMBIENTAIS DECORRENTES DA
CAÇA DE ANIMAIS SILVESTRES**

Monografia apresentada ao Departamento de
Biologia da Universidade Federal de Sergipe como
requisito para a obtenção do título de Licenciado em
Ciências Biológicas.

Orientadora: Dra. Aline Lima de Oliveira
Nepomuceno.

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2023

AGRADECIMENTOS

A Deus pela oportunidade que me dá todos os dias para despertar e ter a coragem de seguir sonhando e, conseqüentemente, conquistando vitórias, sempre com humildade. Uma delas está aqui, minha formação em Ciências Biológicas - Licenciatura.

A minha mãe Noelia e ao meu pai Genaldo que são minha base e sempre me apoiam nas minhas escolhas, sempre proporcionando carinho e motivação para continuar nos percursos escolhidos. Amo muito vocês!

As minhas irmãs Katianna, Vivianne, Dayanne e Glesiane por fazerem parte de toda minha história e de estarem presentes neste momento decisivo da minha vida. Digo o mesmo do meu querido irmão Gurfeson. Amo muito vocês!

Aos meus sobrinhos Diogo e Benjamin, e a minha sobrinha/afilhada Lorena por me proporcionarem momentos leves com suas brincadeiras, risadas e até provocações. Amo muito vocês!

A minha orientadora Aline Nepomuceno pela orientação recebida neste momento tão importante. É uma honra tê-la como minha orientadora, pois é uma pessoa admirável. Que bom que o destino me possibilitou isso!

Aos meus melhores amigos e amigas Alycinha, Danny, Edson, Jaislan e Henrique por estarem sempre comigo nas melhores aventuras proporcionadas nessa jornada percorrida. Sempre unidos nos bons e ruins momentos. Vocês são muito especiais para mim!

As minhas queridas amigas Jamilly, Keity e Lucielle por serem tão legais e compartilharem comigo momentos únicos.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental de Sergipe (GEPEASE) por me aceitarem como parte integrante do grupo e por contribuírem para o meu amadurecimento intelectual no campo da Educação Ambiental.

Aos colegas docentes e discentes do curso de Ciências Biológicas da UFS que compartilharam comigo, durante toda essa caminhada, ensinamentos e saberes. Gratidão!

"Você pode adiar muitas coisas na sua vida, mas não a decisão de ser autor da sua própria história" - Augusto Cury

RESUMO

Esta pesquisa une a literatura de cordel e a Educação Ambiental Crítica (EAC), buscando contribuir com a conservação dos animais silvestres através do ato educativo. A EAC como um processo educativo crítico e a literatura de cordel como uma poesia popular dotada de significados podem se tornar uma potência educativa na sensibilização sobre a caça de animais silvestres, essa que é uma atividade cinegética humana que evidencia crises socioambientais. O objetivo desta pesquisa foi compreender as possibilidades do cordel na sensibilização sobre problemas socioambientais decorrentes da caça de animais silvestres, a partir da Educação Ambiental (EA). Este trabalho é de natureza qualitativa, no qual foi realizado levantamento bibliográfico para fundamentar algumas reflexões sobre a EAC e as suas possibilidades no enfrentamento da caça, além disso, foi utilizado parâmetros da Análise Textual Discursiva (ATD) adaptada para analisar de forma crítica as concepções de cordelistas sobre a caça de animais silvestres na literatura de cordel e, por fim, foi elaborado um cordel visando popularizar os problemas socioambientais decorrentes da caça à luz da EAC. Os dados passaram pelo processo metodológico de triangulação de dados. Na etapa de levantamento bibliográfico, tivemos a oportunidade de argumentar a favor da macrotendência crítica da EA e contrapor o sistema capitalista, um sistema que adoecce o ambiente, gera desigualdades sociais e contribui para a atividade da caça. Para mais, mostramos a fragilidade das leis brasileiras no enfrentamento da caça, principalmente nos seus aspectos comerciais e esportivos, sendo necessário defender a ideia de considerá-las como crimes inafiançáveis, bem como a necessidade de fornecer condições socioeconômicas para aqueles caçadores que vivem da caça de subsistência. Para cada situação, a EAC surge como um processo que ajuda na sensibilização dos caçadores mostrando as consequências da caça e que os animais merecem respeito, pois são seres sencientes que possuem sentimentos, valores e direitos. Para analisar criticamente as concepções de cordelistas sobre a caça, buscamos, através de descritores como “caça”, “caçador” e outros, cordéis disponíveis no acervo *online* da Fundação Casa de Rui Barbosa. Foram selecionados 16 cordéis publicados de [19--] a 1983 e, para a seleção, foi necessário que uma ou mais estrofes dos cordéis fossem representativas e relevantes acerca do problema, atendendo o objetivo proposto, como exemplo, abordar os tipos de caça (subsistência, comercial e esportiva). Sob adaptações da ATD, as estrofes foram organizadas, agrupadas e ordenadas em unidades de análise, a exemplo da “caça de subsistência”, logo após, passaram pelo processo de análise e inferência crítica, tendo a descrição e interpretação, além da argumentação para a construção de novos significados. Diante disso, pudemos perceber a inferência da existência desse problema socioambiental pelos autores, porém, a maioria dos cordelistas não buscaram sensibilizar e/ou conscientizar sobre isso. Nesse contexto, elaboramos um cordel como recurso didático, sob uma perspectiva da EAC, com o título *"Só se mata o que se come?!"*. Ele possui 32 páginas (máximo 3 estrofes em cada) e apresenta capa inicial e final. As estrofes possuem 7 versos (septilha) com o padrão de rimas ABCBDDDB. Assim, trazendo à tona a interdisciplinaridade, esta pesquisa percorreu os caminhos do saber científico e da poesia popular, buscando sensibilizar as pessoas sobre a caça e, consequentemente, proteger a vida silvestre dessa atividade devastadora.

Palavras-chave: caça de animais silvestres; Educação Ambiental Crítica; literatura de cordel; proteção animal.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
1.1 Percurso metodológico.....	10
2. A TRÍADE - LITERATURA DE CORDEL, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PROTEÇÃO ANIMAL.....	15
2.1 Educação Ambiental Crítica (EAC).....	15
2.2 Caça de animais silvestres.....	18
2.2.1 Reflexões sobre EAC no enfrentamento da caça de animais silvestres.....	24
2.3 O cordel como recurso didático.....	27
2.3.1 Concepção dos poetas cordelistas sobre a caça de animais silvestres.....	29
3. SÓ SE MATA O QUE SE COME?!.....	39
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

1. INTRODUÇÃO

Esta monografia parte de uma abordagem que une três perspectivas diferentes através da interdisciplinaridade, a qual visa contribuir com a conservação dos animais silvestres através do ato educativo, são elas: literatura de cordel, Educação Ambiental Crítica (EAC) e aspectos inerentes à caça de animais silvestres. Diante disso, neste trabalho buscamos tornar essas áreas complementares para atingir o objetivo da pesquisa, desenvolvendo assim, uma pesquisa que é inédita acerca da proposta pensada.

Para decidir em qual temática eu iria me envolver nesta monografia, foi necessário muita reflexão e questionamentos voltados a época de minha infância, da adolescência e do momento atual. Sendo assim, a primeira lembrança que me veio à mente foi que desde criança sempre gostei de conhecer e falar sobre animais, principalmente os silvestres. Lembro-me como hoje que tinha em mente a construção de um canal no *YouTube* dedicado a falar sobre a natureza e, especificamente, sobre os animais silvestres. Essas características foram fatores impulsionadores para realizar a melhor escolha da minha vida, o curso de Ciências Biológicas Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe (UFS), acreditando ser uma profissão que me possibilitaria uma melhor preparação para lidar com o público sobre essas temáticas.

Foi através da licenciatura que pude ter o primeiro contato com a educação ambiental (EA), me envolvendo com projetos voltados a ela e posso afirmar, essas experiências me fizeram ser uma pessoa mais crítica ciente que a humanidade está imersa em uma teia flexível e complexa de relações com o ambiente. Ou seja, através do amadurecimento intelectual que a EA me proporcionou, repensei sobre a necessidade de abordar a caça como uma ameaça aos animais silvestres neste trabalho, buscando agora imergir também o ser humano como agente estabelecedor dessa ameaça, sendo modificador das interações para com esses seres vivos em um meio que se configura agora como socioambiental.

Por fim, o cordel entra em pauta devido a minha facilidade em desenvolvê-lo, bem como a minha paixão em produzi-lo. Na minha época de adolescência, no ensino médio, tive a felicidade de participar de uma disciplina eletiva voltada para a literatura de cordel chamada “*De Mito e Poesia se faz um Cordel*”, foi nessa disciplina que descobri meu dom para esse tipo de poesia popular. Hoje vejo a literatura de cordel como uma perspectiva e o cordel como uma ferramenta que contribui para meu desenvolvimento pessoal e profissional e, por isso, resolvi trazê-lo para este contexto a qual estão presentes também a EAC e a conservação da diversidade animal.

A motivação citada anteriormente, algo que é pessoal, refletiu diretamente na escolha das temáticas e acreditamos que este trabalho tem potencial para contribuir na conservação da vida silvestre, bem como, na medida do possível, sensibilizar as pessoas no combate da caça de animais silvestres. Diante disso, a justificativa para esta pesquisa está distribuída em cinco vertentes: educacional, filosófica, cultural, ambiental e de saúde pública.

No aspecto educacional, esta pesquisa se pauta na EAC, pois acreditamos que essa perspectiva tem como especificidades ser dialógica, participativa, interdisciplinar e emancipatória, a qual contribui para mudanças de valores e construção de cidadania. Então, em um mundo com problemas socioambientais, é necessária uma educação crítica que se preocupa em gerar mudanças dessa realidade, não se limitando a não ser problematizadora.

Para mais, ainda no que diz respeito ao processo pedagógico e as contribuições que a EAC tem a oferecer nessa modalidade, soma-se a esse processo educacional a implementação da literatura de cordel. Sendo assim, acreditamos que o cordel, um recurso oriundo do conhecimento popular, ou seja, dos saberes comunitários, se mesclado com o conhecimento científico provindo da EA, torna-se uma potência pedagógica de amplitude e profundidade capaz de informar de forma acessível e de sensibilizar as pessoas sobre questões inerentes aos problemas da humanidade para com o ambiente.

Quando partimos para a justificativa cultural desta pesquisa, buscamos ressaltar a necessidade de continuar defendendo e lutando pela existência de uma poesia popular nordestina rica em subjetividades, significados e identidades, a literatura do cordel. Com relação a isso, muito além de uma ferramenta que agiliza e facilita o processo de ensino e aprendizagem, pois é objetivo e de linguagem fácil, acessível e melodiosa, o cordel representa movimentos de resistência cultural de um povo que muitas vezes foi deslocado às mazelas da sociedade, o povo sertanejo do Nordeste brasileiro. Portanto, é através do cordel que esta pesquisa se consolida como relevante para a sociedade e povo nordestino também.

Em aspecto filosófico, esta monografia deixa em evidência a relação antropocêntrica que é estabelecida entre o animal humano e os animais não humanos. É um momento em que colocamos em pauta o egocentrismo do ser humano que se acha o centro do “universo”. Assim, acreditamos que esse antropocentrismo é um fator crucial que move as pessoas a não terem respeito e compaixão com as vidas não humanas, nesse caso a fauna silvestre.

Este trabalho tem relevância na discussão sobre a importância de conservar a fauna silvestre, pois ao passo que esta pesquisa proporciona reflexões críticas sobre as ações que a humanidade estabelece ao caçar os animais silvestres, gera informações que conscientizam e

sensibilizam as pessoas a não praticarem ou incentivarem essa prática cruel, mas buscarem a proteção animal. Assim, o objetivo é torná-los cidadãos críticos e emancipados, dotados de responsabilidade socioambiental, buscando defender a fauna dessa barbárie.

Quando falamos e refletimos sobre a caça, este trabalho traz em pauta a problemática inerente ao consumo da carne de caça, essa prática sendo um problema de saúde pública e que se estabelece numa relação socioambiental entre o ser humano e os recursos provindos de origem animal. Assim, nosso trabalho torna-se relevante, pois demonstra algumas implicações no que diz respeito ao consumo de carne de caça para a transmissão de zoonoses.

Com o exposto, para fundamentar essas discussões, é necessário realizar uma breve contextualização das perspectivas citadas anteriormente. Sendo assim, é sabido que a EA é uma perspectiva educativa que preza pela interdisciplinaridade e transversalidade, possuindo especificidades que contribuem para o entendimento da relação entre a humanidade e o ambiente (REIGOTA, 2004). Paralelo a isso, a EA torna-se crítica quando, ela tem a capacidade de desenvolver no ser humano consciência crítica, ao ponto de sensibilizá-los, emancipá-los e transformá-los, possibilitando assim, torná-los agentes reflexivos e defensores do meio socioambiental (Ramos; Silva; Sonoda, 2019) e, para isso, é essencial discussões que reflitam as raízes dos problemas socioambientais, esses que são agravados, sobretudo, pelo sistema capitalista.

Finalmente, a EA busca desenvolver nas pessoas uma cidadania que é ativa, pois quando se fala do ser humano e sua relação com o ambiente, é necessário que essas pessoas reflitam sobre as interferências político-ideológicas que estão sujeitas e, analisando essas interferências, repensem melhores formas de agir e transformar as suas inter-relações socioculturais a qual está estabelecendo com o meio socioambiental em que vivem (Araújo; Lourenço; Pelacani, 2020).

Ao falar de literatura de cordel, algumas semelhanças com a EA são significativas, pois envolve o interdisciplinar e, sendo poesia popular, é arte que através do cordel, encanta, leva conhecimento e sensibiliza. Com relação a isso, a EA “reconhece a literatura de cordel enquanto instrumento pedagógico e forma de aquisição de conhecimento, definindo a importância do olhar ambiental para a literatura popular, além do fortalecimento da socialização do conhecimento científico através da escrita popular” (Araújo; Lourenço; Pelacani, 2020, p. 308). Ademais, essas duas perspectivas juntas prezam pela transversalidade (Fabri; Poletto, 2020). Assim, é ato que gera mudança crítica no pensamento e comportamento dos indivíduos.

Em um contexto histórico, o cordel teve sua origem na Península Ibérica, na Idade Média (Fabri; Poletto, 2020). Chegou ao Brasil através de colonizadores portugueses, tendo como primeira rota de chegada a região Nordeste brasileira. Hoje quando se fala em cordel no Brasil, as pessoas logo associam ao povo nordestino. Isso acontece devido às muitas obras elaboradas por cordelistas nordestinos que trazem em sua escrita questões sociais do território, da natureza, de conflitos socioambientais e da resistência desse povo em meio a uma vida muita das vezes injustiçada, se configurando como algo que é cultural e popular da região (Araújo; Lourenço; Pelacani, 2020; Fabri; Poletto, 2020).

Sobre a caça de animais silvestres, é importante estar ciente que essa prática humana teve início há milhares de anos, mas que hodiernamente, no século XXI, houve um aumento significativo (Sampaio, 2011), principalmente no cenário brasileiro, pois segundo João Fellet da BBC News Brasil, em meados de 2019, o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, através de alguns decretos, tentou reduzir as restrições aplicadas a caçadores, o que contribuiu para que grupos ou comunidades de caça fossem criados nas redes sociais a fim de divulgarem os resultados das suas atividades de caça, ou seja, houve um estímulo por parte do ex-presidente para a realização da atividade sangüinária pelos infratores.

Importante dizer que caçar traz impactos e consequências, e as principais são: (1) declínio de populações de espécies de animais silvestres, (2) impacto no equilíbrio do ecossistema (Sampaio, 2011) e (3) prevalência na transmissão de patógenos zoonóticos através do consumo da carne a exemplo da hepatite E, tuberculose, leptospirose e triquinose (Meng; Lindsay; Sriranganathan, 2009).

Portanto, diante de tudo que foi exposto anteriormente, surgiu a inquietação e curiosidade em saber: *Quais as possibilidades do cordel como recurso didático para a Educação Ambiental na sensibilização sobre problemas socioambientais decorrentes da caça de animais silvestres?*. Foi através desse questionamento que definimos como objetivo geral: *Compreender as possibilidades do cordel na sensibilização sobre problemas socioambientais decorrentes da caça de animais silvestres, a partir da Educação Ambiental*. Delineamos então os seguintes objetivos específicos:

- Relacionar a EAC e suas possíveis influências no enfrentamento da caça de animais silvestres;
- Analisar as concepções de cordelistas sobre a caça de animais silvestres na literatura;
- Popularizar através de um cordel, à luz da EAC, as implicações socioambientais decorrentes da caça de animais silvestres;

Esperamos que este trabalho, com seu caráter inovador, possa alimentar em outros pesquisadores o desejo de se aventurarem na pesquisa envolvendo as três perspectivas já citadas, assim, poderão contribuir ainda mais para a conservação da biodiversidade, consolidação de uma EAC e valorização da cultura nordestina.

1.1 Percurso metodológico

Este trabalho é de natureza qualitativa, já que busca significações na literatura para gerar reflexões de como a EAC pode enfrentar a caça de animais silvestres, analisa subjetividades de cordelistas em obras de cordéis, bem como contribui para o processo formativo e educativo ao elaborar um cordel sobre o problema da caça e suas implicações.

Na pesquisa qualitativa o pesquisador utiliza-se de observações heterogêneas que envolvam questões causais ou descritivas, buscando analisar diferentes perspectivas de um determinado problema (Gerring, 2017). Paralelo a isso, a essência da pesquisa qualitativa “[...] é a flexibilidade, principalmente quanto às técnicas de coleta de dados, incorporando aquelas mais adequadas à observação que está sendo feita” (Martins, 2004, p. 292). Assim, com a abordagem qualitativa, a pesquisa pode ser conduzida através de variados meios para a coleta de dados (Godoy, 1995), mas será exigido do pesquisador e da pesquisadora a habilidade de analisar e interpretar os dados de forma criativa e profunda, buscando uma aproximação da realidade estudada (Martins, 2004).

Diante disso, para refletir sobre a EAC e as possibilidades para o enfrentamento da caça de animais silvestres, visando a proteção animal, realizamos o levantamento bibliográfico de artigos em revistas, ou seja, periódicos e de livros que se relacionam com os objetivos deste trabalho, tais como: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *Google Scholar*, *Scopus* e outros entre 1993 e 2021.

Segundo Barros (2011, p. 2) a revisão bibliográfica tem como propósito “[...] enunciar alguns dos ‘interlocutores’ com os quais você trará o seu diálogo historiográfico e científico”. Para além disso, com a revisão da literatura, o pesquisador tem uma significativa contribuição teórica para o desenvolvimento do seu trabalho de forma inovadora, ou seja, uma proposta temática original. Assim, deverá ser fundamentada no exercício da crítica às obras pré-existentes tanto das que venham a coincidir com as ideias do pesquisador como as que a elas se contrapõem (Barros, 2011).

Buscando analisar de forma crítica as concepções de cordelistas sobre a caça de animais silvestres na literatura de cordel, ou seja, como eles abordam a questão da caça nesses folhetos, além de com quais objetivos e impressões individuais e/ou coletivas eles escrevem sobre essa prática no sentido cultural e econômico, foram selecionados e analisados um conjunto de folhetos de cordéis que se encontram disponíveis de forma *online* no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)¹. Segundo Santos (2021, p. 14), “a instituição é considerada uma das mais importantes do Brasil na área da cultura e preservação de documentos, e possui um grande acervo museológico, além da biblioteca original da casa de Rui Barbosa”.

De acordo com a própria FCRB, ela foi fundada na década de 1960 tendo o objetivo de criar o “Projeto Literatura Popular em Versos” para preservar, conservar e disponibilizar as obras ao público geral, inclusive para a realização de estudos e pesquisas sobre a literatura de cordel. O acervo da FCRB possui mais de 9000 mil cordéis, sendo que cerca de 2.340 desses folhetos estão disponíveis de forma digital na plataforma. O cordel mais antigo disponibilizado no acervo é o do cordelista Rodolfo Coelho Cavalcante com a obra “*A Macumba da Bahia*”, publicado em 1904. O cordel mais recente do acervo é o do autor João Martins de Athayde com a obra “*História da princesa da Pedra Fina*”, publicado em 2013. Importante mencionar que existem cordéis que não apresentam data de publicação e a FCRB também não informa essa data, não sendo possível estabelecer o ano exato de publicação, podendo ser mais antigo ou mais recente do que as obras aqui citadas anteriormente.

Em termos de organização, a plataforma está estruturada em seções (Figura 1), tendo uma aba para “Apresentação”, a qual traz o objetivo do projeto e como funciona o processo de restauração das obras que integram a FCRB; uma aba para “Poetas e Cantadores”, que fala sobre os poetas cordelistas de primeira geração, esses sendo pioneiros nas produções de cordéis durante os anos de 1893 a 1930, e sobre os poetas cordelistas de segunda geração que iniciaram suas produções a partir da década de 1930 em diante; há também a aba “Acervo”, espaço destinado a realização de consulta dos folhetos de cordéis utilizando, para isso, uma palavra/frase para encontrá-los; Por fim, a “Bibliografia”, onde estão disponíveis outros tipos de produções como artigos, livros e outras referências envolvendo a literatura de cordel.

¹ Acesse o *site* da instituição aqui: [Apresentação \(casaruibarbosa.gov.br\)](http://casaruibarbosa.gov.br).

Figura 1- Imagem inicial do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa



Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2023.

Como critério para a seleção dos *corpus* de folhetos de cordéis, levamos em consideração se eles se adequam ou são pertinentes ao conteúdo e ao objetivo proposto neste estudo buscando seguir parâmetros adaptados da Análise Textual Discursiva (ATD). É importante pontuar que foram utilizados alguns descritores para encontrar os folhetos de cordéis no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, a exemplo: “caça”, “caçada”, “caçador”, “caçando”, “armadilha”, “flecha”, “matança”, “espingarda”, “fauna”, “animais”, “silvestres” e “emboscada”. Esses termos foram escolhidos por estarem enquadrados na norma culta e/ou popular brasileira, sendo imprescindíveis quando o assunto é literatura de cordel com seu vocabulário característico, bem como são descritores que estão relacionados ao nosso objeto de estudos e visou trazer o máximo de informações possíveis sobre o assunto.

Para o tratamento dos dados que foram encontrados nos *corpus* de folhetos de cordéis, nos baseamos pela metodologia de ATD, adaptando-a. Com a ATD preza-se por organizar, ordenar e agrupar unidades de análise expressando novas compreensões dos objetos investigados, em seus conjuntos, de forma qualitativa (GALIAZZI; SOUSA, 2019). Na ATD, o pesquisador torna-se sujeito de suas próprias interpretações na busca por formulação de sentidos em um ciclo de (re)construção de caminhos sobre os fenômenos analisados (Moraes; Galiuzzi, 2006).

A ATD se dá por um processo auto-organizado de análise textual entre as ideias do pesquisador e o *corpus* exigindo intensa impregnação por parte do autor durante a análise (Moraes; Galiuzzi, 2006). No caso desta pesquisa, utilizamos a análise dos *corpus* de forma adaptada a ATD, modelando-a de forma crítica e sem neutralidade através da descrição, interpretação e argumentação, buscando assim, a construção de novas unidades de significado. A ATD se tornou adaptada devido a construção de unidades de análise a priori, ou seja,

categorias que não surgiram dos dados, mas foram colocadas antes da análise, sob uma concepção prévia, mas que foi possível descrevê-la, interpretá-la e argumentá-la. Diante disso, concordamos com Galiazzi e Sousa (2019, p. 18) quando afirma que “durante toda a análise, a ênfase é dada à interpretação, à valorização do conhecimento do pesquisador, à escuta do que se mostra nas informações, à natureza histórica das informações, à linguagem em direção a novas compreensões”.

É necessário pontuar, ao refletir sobre a EAC e suas possibilidades na proteção de animais silvestres, adquirimos um aporte teórico-reflexivo positivo que fundamentou as análises e interpretações das estrofes dos folhetos de cordéis selecionados para esta pesquisa, bem como na construção de um cordel sobre a caça.

Em um contexto mais amplo, todos os dados desta pesquisa foram submetidos ao processo metodológico de triangulação de dados, a qual objetivou mesclar diferentes métodos de produção, interpretação e análise desses dados a fim de fornecer credibilidade e cientificidade à presente pesquisa, sendo o levantamento bibliográfico, os *corpus* de folhetos de cordéis e a produção de um cordel como métodos executados nesta monografia. Diante disso, com a triangulação o pesquisador se apoia em três técnicas ou mais para a produção de dados buscando uma ampliação na análise e interpretação do universo informacional do fenômeno estudo (Marcondes; Brisola, 2014). Concomitante a isso, a triangulação trata-se de:

um procedimento que combina diferentes métodos de coleta e de análise de dados, diferentes populações/sujeitos (ou amostras/objetos), diferentes perspectivas teóricas e diferentes momentos no tempo, com o propósito de consolidar suas conclusões a respeito do fenômeno que está sendo investigado (Zappellini; Feuerschütte, 2015, p. 246-247).

Com essa conceituação, entendemos que a triangulação aumenta a confiabilidade da interpretação dos resultados e conclusões analisadas. Porém, como salienta Zappellini e Feuerschütte (2015, p. 268):

Há, entretanto, muitos desafios no seu uso, e não se pode garantir que os resultados sejam sempre bons. A despeito dessas observações, é sempre útil lembrar que os procedimentos de triangulação se referem à produção de conhecimento e não ao seu resultado final; ou seja, a técnica permite que se tenha um processo de pesquisa mais completo, o que não garante, necessariamente, a produção de “conhecimento perfeito”.

Por fim, através da literatura de cordel e da EAC, buscamos popularizar os problemas socioambientais decorrentes da caça de animais silvestres, assim, produzimos um cordel sobre

a problemática, buscando contribuir para a proteção animal. Assim, ao produzir o cordel como um recurso didático, no processo de ensino e aprendizagem, assume-se que ele tenha potencialidade para levar conhecimento significativo para além do método tradicional de ensino, tornando-se um elemento pedagógico indispensável na construção do pensamento crítico (Barbosa; Passos; Coelho, 2011).

Portanto, o cordel é composto e subdividido, a saber: *Capa; Contracapa; Agradecimentos; Sumário; Apresentação; A caça de subsistência e suas implicações socioambientais; A caça comercial e suas implicações socioambientais; A caça esportiva e suas implicações socioambientais; A importância da consciência crítica frente a essa maleficência; Finalização; e Biografia.*

Esta monografia está estruturada da seguinte forma: Introdução com a apresentação, as motivações, as justificativas e os objetivos da proposta pensada; percurso metodológico, mostrando os caminhos e metodologias utilizadas para atingir os objetivos e consolidar este trabalho; segunda sessão a qual realizamos a revisão bibliográfica para refletir sobre a EAC e sua importância no enfrentamento da caça de animais silvestres, bem como fizemos a análise crítica das concepções dos cordelistas sobre a caça; terceira sessão, em que elaboramos um cordel sobre problemas socioambientais decorrentes da caça de animais silvestres como recurso didático para a EAC; e, por fim, elaboramos nas considerações finais uma síntese dos caminhos percorridos nas diferentes etapas desta monografia, bem como salientamos sobre as implicações futuras desta pesquisa como inspiração para o desenvolvimento de outras obras.

2. A TRIÁDE - LITERATURA DE CORDEL, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PROTEÇÃO ANIMAL

Nesta seção trouxemos alguns fundamentos teóricos e reflexivos sobre as três vertentes que compõem o objeto de estudos desta monografia. Dito isto, em um primeiro momento, nos fundamentamos na literatura para discutir sobre a EA e a sua macrotendência crítica, bem como para abordar a caça de animais silvestres. Logo após, por inferência, tecemos reflexões sobre como a EAC pode contribuir para a mitigação da caça.

Em um segundo momento, tivemos como base um aporte teórico da literatura para conceituar e contextualizar a poesia popular que é o cordel, na sequência, fizemos o levantamento de estrofes de folhetos de cordéis sobre a caça de animais silvestres, com posterior análise e reflexão das concepções dos cordelistas sobre a problemática.

2.1 Educação Ambiental Crítica (EAC)

No mundo em que vivemos, repleto de ações sociais, econômicas, políticas e culturais, é de imaginar que o ambiente está indissociável do contexto e, todas as vezes, sofre fortemente com as consequências dos impactos deixadas por elas. Nesse cenário, a Educação Ambiental (EA) surge significativa, já que se insere no processo formativo permanente.

A EA começou a ganhar destaque no final do século XX, emergindo como uma perspectiva para questionar e enfrentar a crise ambiental da época, isso é, sob uma intensa preocupação com o esgotamento dos recursos naturais, uma parcela da humanidade começou a questionar as visões de mundo das pessoas e como elas podiam estabelecer novas práticas socioambientais, a exemplo do consumo consciente, buscando respeitar os limites do nosso planeta e diminuir os impactos sobre ele (Rosa; Dickmann, 2021). Sobre isso, os movimentos ambientalistas internacionais e nacionais entraram em pauta e tiveram grande relevância, visto que “[...] reivindicava a inclusão da questão ambiental na agenda de prioridades político-econômicas contemporâneas” (Lima, 2009, p. 158).

Como toda palavra é dotada de um significado e intencionalidade, o termo “ambiental” surge como tal. Diante disso, segundo Carvalho (2001, p. 45) “[...] o ambiental é pensado como sistema complexo de relações e interações da base natural e social e, sobretudo, definido pelos modos de sua apropriação pelos diversos grupos, populações e interesses

sociais, políticos e culturais que aí se estabelecem”. Portanto, é um sistema de relações socioambientais e não somente natural.

No tocante, a EA pode ser considerada como um processo educativo que possibilita às pessoas construírem conhecimentos, habilidades, competências, atitudes e valores sociais com o objetivo do bem comum, a qual o ser humano passa a se preocupar com a conservação e a sustentabilidade socioambiental (Rosa; Dickmann, 2021). Destarte, para que isso venha a ocorrer, é necessário que a EA tenha caráter interdisciplinar, sendo capaz de integrar o “[...] meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, entre outros [...]” (Poletto *et al.*, 2021, p. 129). Assim, não se limita a uma abordagem puramente ecológica e reducionista.

Por se tratar de um processo educativo que carrega consigo marcos históricos, a EA é norteada por diferentes macrotenências político-pedagógicas, uma delas sendo a crítica. À vista disso, este trabalho está fundamentado na macrotenência crítica, todavia se faz necessário percorrer pelas outras macrotenências que tiveram e ainda têm importância para o contexto ambiental. Porém, de antemão, defendemos a necessidade de uma macrotenência político-pedagógica crítica da EA, já que essa valoriza a democracia e emancipa cidadãos para a transformação socioambiental.

Existem três macrotenências: a conservadora ou conservacionista, a pragmática e a crítica, cada uma defendendo posições e ideais próprios, mas que se relacionam de alguma forma (Layrargues; Lima, 2014; Rosa; Dickmann, 2021).

A EA conservadora é caracterizada por muitos autores como uma versão mais ingênua de todas porque associa os problemas ambientais a fatores naturais, deixando de lado outros aspectos, ou seja, os fatores biológicos e ecológicos ficam dissociados dos fatores políticos e econômicos, evitando possíveis conflitos (Lima, 2009; Rosa; Dickmann, 2021; Silva; Bianchi; Araújo, 2021). Nesse ínterim, essa macrotenência se preocupa com a conservação do ambiente, que é fonte de recursos para a humanidade, e reduz a EA a uma ‘temática’ deslocado de um ideal pedagógico complexo. Desse modo, se pauta em ações simples, pontuais, desconectadas da realidade, em razão de ser puramente reformista, instrumental, ecológica e individualista (Jacobi, 2005; Silva; Bianchi; Araújo, 2021). Para mais, Layrargues e Lima (2014, p. 30) acrescentam:

O conservacionismo e o conservadorismo se fundem porque ao adotarem uma perspectiva com viés ecológico da questão ambiental perdem de vista as dimensões sociais, políticas e culturais indissociáveis de sua gênese e dinâmica; porque não incorporam as posições de classe e as diferentes responsabilidades dos atores sociais

enredados na crise; porque reduzem a complexidade do fenômeno ambiental a uma mera questão de inovação tecnológica e porque, finalmente, acreditam que os princípios do mercado são capazes de promover a transição no sentido da sustentabilidade.

Consequentemente, por todas essas características, é notória a fragilidade dessa macro Tendência para o enfrentamento e questionamento dos padrões civilizatórios hodiernos, afinal, ela interessa a grupos hegemônicos dominantes.

Partindo da vertente conservadora à pragmática, nessa última, o discurso se expande a produção e ao consumo (Layrargues; Lima, 2014). Com relação a isso, a macro Tendência pragmática se ajusta ao padrão neoliberal interferindo em políticas públicas e ambientais, prezando por uma Educação para o Desenvolvimento Sustentável e para o Consumo Sustentável. Em vista disso, não deixa de lado a lógica do capitalismo de mercado e o seu incentivo ao consumismo (Rosa; Dickmann, 2021; Sousa; Júnior, 2018). Assim, para Layrargues e Lima (2014, p. 30-31), a macro Tendência pragmática “[...] é expressão do ambientalismo de resultados, do pragmatismo contemporâneo e do ecologismo de mercado que decorrem da hegemonia neoliberal [...]”. Ainda complementam:

Caracterizam esse cenário pragmático a dominância da lógica do mercado sobre as outras esferas sociais, a ideologia do consumo como principal utopia, a preocupação com a produção crescente de resíduos sólidos, a revolução tecnológica como última fronteira do progresso e a inspiração privatista que se evidencia em termos como economia e consumo verde, responsabilidade socioambiental, certificações, mecanismos de desenvolvimento limpo e ecoeficiência produtiva (Layrargues; Lima, 2014, p. 31).

Destarte, notamos que a EA pragmática se comporta de tal maneira a vertente anterior, não refletindo e questionando sobre as implicações das ações humanas para com o meio socioambiental. E mais, sob a lógica do mercado capitalista exploratório, o ambiente e a sociedade parecem estarem destituídos, o que acaba por corroborar na crise ambiental atual.

No que tange às contribuições para o processo educativo, Layrargues e Lima (2014) ressaltam que foi preciso superar as duas vertentes, pois segundo eles:

[...] a opção conservadora, materializada pelas macro Tendências conservacionista e pragmática, era limitada, por entender que o predomínio de práticas educativas que investiam em crianças nas escolas, em ações individuais e comportamentais no âmbito doméstico e privado, de forma a-histórica, apolítica, conteudística e normativa não superariam o paradigma hegemônico que tende a tratar o ser humano como um ente genérico e abstrato, reduzindo-os à condição de causadores da crise ambiental, desconsiderando qualquer recorte social (Layrargues; Lima, 2014, p. 29).

Diante da contextualização sobre as outras macro Tendências da EA, percebemos que o caráter neoliberal das vertentes predomina, deixando de lado a identidade do que era para ser

uma perspectiva educativa que se preocupa com o contexto socioambiental. Dessa forma, conforme o esperado, não demorou para que outra vertente surgisse em contraponto às vertentes anteriores. Isto posto, para Rosa e Dickmann (2021), a macrotendência crítica surge e ressignifica a identidade da EA, dando-lhe novos qualificativos como emancipatória, popular e transformadora, e que luta em prol da coletividade. Com isso, ao surgir, busca confrontar “[...] o tratamento reducionista dado à EA por leituras biologizantes, conservacionistas, tecnicistas ou comportamentalistas e com as implicações resultantes dessas abordagens” (LIMA, 2009, p. 156). Ademais, a EAC resiste de todas as formas ao sistema capitalista, esse que adoece o ambiente e gera desigualdades sociais (Silva; Bianchi; Araújo, 2021).

Tratando-a como macrotendência político-pedagógica crítica, Liotti e Bertoni (2021) enfatizam que essa vertente da EA possui, em sua essência, um viés sociológico e político para além do que acreditam as outras macrotendências. Com isso, a relação humana e o ambiente são marcados por interfaces socioculturais e de classes atuantes (Layrargues; Lima, 2014).

A EAC, como processo educativo crítico, visa a formação cidadã, ou seja, pessoas críticas que, em conjunto, refletem e agem de forma contundente para a melhoria e transformação socioambiental. A esse respeito, Jacobi (2005, p. 244) salienta:

Para a vertente crítica, a educação ambiental precisa construir um instrumental que promova uma atitude crítica, uma compreensão complexa e a politização da problemática ambiental, a participação dos sujeitos, o que explicita uma ênfase em práticas sociais menos rígidas, centradas na cooperação entre os atores.

Vale ressaltar que não é uma tarefa fácil conseguir incentivar a sociedade para agir de forma coletiva em prol da defesa socioambiental. É importante que as pessoas sejam estimuladas a buscarem o coletivo e, para isso, educadores ambientais críticos, tendo o suporte e incentivo governamental e de políticas públicas educacionais e ambientais, devem planejar ações diferenciadas para conseguir esse estímulo. É necessário a práxis.

2.2 Caça de animais silvestres

A partir de agora abordaremos algumas questões inerentes à caça de animais silvestres. Nessa conjuntura, a caça de animais silvestres é uma atividade cinegética humana considerada por muitos como não sustentável e que ainda se mantém na atualidade (Dantas-Aguiar *et al.*,

2011). Na caça, há a relação entre dominador (ser humano) e submisso (animal selvagem), mantendo uma hierarquia de poder (Dahles, 1993).

Desde a época de Aristóteles que os animais são ditos inferiores ao ser humano, já que não são seres com capacidade de raciocínio. Assim, sob essa ótica antropocêntrica, os animais são considerados como propriedade da humanidade, ou seja, sem direitos e servos do ser humano (Filipe, 2009). A lógica cultural humana do pensamento antropocêntrico coloca o homem no centro das relações que estabelece com tudo (Júnior; Oliveira, 2020), com isso, fica fácil compreender o motivo de haver um dominador e um submisso, pois a concepção antropocêntrica da humanidade estabelece essa hierarquia violenta e opressora nas relações.

No contexto brasileiro, a caça de animais silvestres não é permitida, mas há exceções (Pereira; Schiavetti, 2010). Nessa situação, a Lei nº 5.197, de 3 de janeiro de 1967, visa proteger a fauna e, em seu artigo primeiro, afirma que é proibido perseguir, utilizar, destruir, caçar ou apanhar a fauna silvestre. Já no parágrafo segundo do artigo terceiro, enfatiza que a caça só será permitida em casos específicos de nocividades à agricultura ou à saúde pública (Brasil, 1967).

No mesmo caminho, a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, em seu capítulo V, traz considerações sobre os crimes contra o ambiente e, especificamente na seção I do capítulo, caracteriza crimes contra a fauna, dentre eles, a caça (Brasil, 1998). Assim, o artigo 29 da Lei menciona a detenção e a multa como penalidades para quem praticar o ato de “matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécimes da fauna silvestre, nativos ou em rota migratória, sem a devida permissão, licença ou autorização da autoridade competente, ou em desacordo com a obtida” (Brasil, 1998, p. 5). Já no artigo 32 da mesma Lei, a detenção e a multa estão destinadas para quem “praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos” (Brasil, 1998, p. 6).

Em outra situação, a caça é uma atividade recorrente em comunidades tradicionais, isto é, são práticas sociais e culturais dotadas de rituais sagrados e simbolismos para esses povos. Com relação a isso, a Lei 6.001/1973 do Estatuto do Índio, principalmente seu Artigo 58º, a Constituição Federal de 1988 e o Decreto 6.040/2007 visam assegurar os direitos das culturas indígenas de serem exercidas, sendo a caça uma delas (Silva; Barros, 2020).

O que podemos notar até aqui é uma ambivalência no tratamento da caça. Melhor dizendo, as leis brasileiras buscam salvaguardar a fauna silvestre, tentando proibi-la como um ato para proteger os animais, mas ao mesmo tempo, buscam salvaguardar as comunidades tradicionais, já que é algo cultural e de subsistência desses povos, mesmo isso impactando

negativamente nas populações de espécies de animais². Além do mais, concordamos com Ripple *et al.* (2016) quando ele cita a importância da caça para a segurança alimentar de muitas pessoas, essas que estão na situação de vulnerabilidade passando fome e encontra na caça uma alternativa para saciar suas necessidades nutricionais, mas também para riscos zoonóticos, de extinção de espécies e, se a caça for praticada de forma insustentável, com o aumento da população e a alta demanda por produtos da caça, o cenário poderá se reverter a insegurança alimentar devido a uma série de fatores.

Uma coisa é certa, quando a caça acontece de forma sobre-exploratória, junto com a perda de habitat, são responsáveis pelo declínio populacional de espécies de animais, isso configura uma grave crise (Dantas-Aguiar *et al.*, 2011; Eliason, 2003; Pereira; Schiavetti, 2010). Portanto, há a diminuição da densidade populacional de espécies, resultando em florestas vazias (Antunes *et al.*, 2016). Desse jeito, se houver a redução massante de animais nas florestas, pode haver alterações nos processos ecossistêmicos, esses que são imprescindíveis para a manutenção da vida, como exemplos, modificar a dinâmica do ciclo da água, a qualidade do ar, entre outros (Ferreira; Campos; Araújo, 2012; Pereira; Schiavetti, 2010; Sampaio *et al.*, 2014).

Dado toda a conjuntura apresentada até aqui, é importante abordar algumas modalidades da caça, uma vez que existem mais de um tipo de caça, algumas delas são consideradas crimes perante as leis brasileiras. Concomitante a isso, existem três tipos de caça, a esportiva, a comercial e a de subsistência (Pereira; Schiavetti, 2010).

Na caça, normalmente, existe o consumo material e simbólico dos animais pelos caçadores (Dahles, 1993). Nessa circunstância, muitas comunidades fazem o uso dos animais silvestres buscando sobreviver, utilizando-se da caça de subsistência para isso.

Conforme dizem Dantas-Aguiar *et al.* (2011, p. 34), “a caça de subsistência é definida como a caça de animais silvestres para obtenção de alimentos, peles, remédios e outros produtos consumidos pelo caçador e sua família, ou para troca com outros caçadores em benefício próprio, sem fins comerciais”. A prática contribui com o bem-estar de comunidades rurais e tradicionais que possuem baixa renda (Dantas-Aguiar *et al.*, 2011). Esse tipo de caça é permitido pelo artigo 37 da Lei nº 9.605 que traz o seguinte:

² Importante mencionar que os povos indígenas, normalmente, costumam respeitar o ciclo da natureza, ou seja, exploram, mas exploram o necessário para a sobrevivência das suas comunidades. Nesse caso, os impactos ambientais são minimizados, mas é preciso dimensionar esses impactos através de estudos e pesquisas, pois há sim impactos nas populações de espécies quando se trata de caça. Para isso, é imprescindível que haja políticas públicas para fornecer condições socioeconômicas para as comunidades indígenas, pois o que percebemos é o descaso para com esses povos. Assim, é preciso fornecer-lhes alternativas financeiras para conseguirem ter alternativas alimentares.

Não é crime o abate de animal, quando realizado: I - em estado de necessidade, para saciar a fome do agente ou de sua família; II - para proteger lavouras, pomares e rebanhos da ação predatória ou destruidora de animais, desde que legal e expressamente autorizado pela autoridade competente; IV - por ser nocivo o animal, desde que assim caracterizado pelo órgão competente (Brasil, 1998, p. 6).

Como vimos em um momento anterior, a caça de animais silvestres é proibida em território brasileiro desde 1967, contudo, em casos específicos ela é permitida, a exemplo da subsistência. Sendo assim, Antunes *et al.* (2016) acentuam as contradições que as leis brasileiras enfrentam para ajudar na conservação dos animais, pois ao passo que buscam protegê-los, também permitem a caça visando garantir os direitos humanos em necessidade. Uma coisa é certa, mesmo sendo de subsistência, estamos diante de uma cultura violenta humana que executa vidas inocentes.

Ao falar de caça esportiva, estamos diante de uma modalidade de caça proibida no Brasil. Diante disso, para Dantas-Aguiar *et al.* (2011, p. 37), “a caça esportiva não é realizada com a finalidade de adquirir uma fonte extra de proteína, mas sim com o objetivo de exercer uma atividade recreativa e esportiva. Essa prática está enraizada na população como uma atividade cultural”. Os esportistas, nesse caso, sentem prazer em estabelecer relações assimétricas de poder frente aos animais caçados, ou seja, buscam medir forças e habilidades com seus oponentes. E, para considerar os animais como oponentes dignos de troféus, os animais precisam ter o espírito de luta, ou seja, serem fortes, imprevisíveis, corajosos, ágeis e, de preferência, machos, não indefesos ou mansos, esses nem são categorizados como caças (Dahles, 1993). Nessa conjuntura, os esportistas tratam essas caçadas como um jogo, sendo estruturado, implementado, manipulado, explorado e sem ter um *game over*, isto significa, quanto mais difícil forem os desafios no momento da caçada, melhor é esse jogo. Assim, “não é a matança, mas o esforço necessário para fazê-lo que torna o tiro atraente para os esportistas” (Dahles, 1993, p. 180). Portanto, é notório que os caçadores rompem a essência humano-animal em vista de um bom esporte (Dahles, 1993).

Quando falamos em caça comercial, estamos falando também da caça profissional ou furtiva, essa que consiste na retirada e comercialização ilegal de recursos provindos da fauna silvestre (Eliason, 2003). A prática envolve interesses comerciais lucrativos que, anualmente, movimentam bilhões de reais pelo mundo (Sampaio *et al.*, 2014). Em razão disso, o artigo 29 da Lei nº 9.605, em seu parágrafo quinto, considera que a caça profissional é um crime com pena aumentada ao triplo se comparado com outras modalidades da caça (Brasil, 1998). Essa informação também está disposta no artigo segundo da Lei nº 5.197, que criminaliza a caça

profissional e, em seu artigo terceiro, considera que “é proibido o comércio de espécimes da fauna silvestre e de produtos e objetos que impliquem a sua caça, perseguição, destruição ou apanha” (Brasil, 1967, p. 1). Com relação a isso, percebemos que as penalidades que as leis impõem não são tão significativas para os infratores, que lucram o suficiente para não se incomodarem com elas.

No cenário sergipano, a Lei nº 8366 de 20/12/2017 institui o Código Estadual de Proteção aos Animais, essa sendo aprovada pela Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe. Nessa Lei, em sua Seção II do Capítulo II, é enfatizado sobre a atividade da caça de animais silvestres, sendo que, em seu artigo 7, há a proibição das modalidades profissional e esportiva da caça em território sergipano³. Cabe enfatizar que essa Lei não traz considerações sobre a modalidade da caça de subsistência como uma atividade que é permitida ou proibida. A única permissão para executar a caça diz respeito ao parágrafo único do artigo 7 que fala sobre o abate de manejo ou controle populacional sob autorização do órgão governamental.

Partindo para uma outra abordagem, é importante denunciar como os caçadores realizam a atividade cruel da caça, já que existem várias formas e técnicas para essa prática. A primeira é a caça de espera, a qual cria-se um abrigo de madeira no alto de árvores frutificando ou próximas a lamaçais, igarapés ou cursos de água onde os animais normalmente frequentam, facilitando o abate. A segunda técnica de caça é a com cachorros, nesse caso, os caçadores levam seus cães para buscarem por vestígios das presas como fezes, tocas e outros. Logo após avistarem a vítima, inicia a perseguição para o abate rápido, visto que no processo de captura da caça, os cães podem ser feridos pelo animal caçado. Por último, a terceira técnica que é a pé em trilhas dentro da mata, a qual o caçador se posiciona do lado contrário ao vento, agachado e quase imóvel e, quando avista a presa, realiza o abate (Ferreira; Campos; Araújo, 2012).

Uma das consequências da caça diz respeito a doenças que são causadas por patógenos zoonóticos decorrentes dela, sendo uma questão de saúde pública e, portanto, um problema socioambiental de interesse global. Os animais silvestres podem representar um perigo grave na manutenção e transmissão de algumas doenças infecciosas para a população humana, incluindo os caçadores, como fungos, vírus, bactérias e parasitas. Assim sendo, ao caçar o ser humano está sujeito a contrair *Brucella suis* que são cocobacilos gram-negativas zoonóticas causadoras de brucelose, *Leptospira spp.* que são bactérias gram-negativas zoonóticas da leptospirose e HEV, esse sendo o vírus da hepatite E (Bertelloni *et al.*, 2020; Meng; Lindsay;

³ Acesse a Lei aqui: [Lei Nº 8366 DE 20/12/2017 - Estadual - Sergipe - LegisWeb](#).

Sriranganathan, 2009). E mais, a *Trichinella spp.* causadora da triquinelose, a bactéria *Mycobacterium bovis* que é responsável pela tuberculose, o vírus da gripe suína, o vírus da encefalite japonesa, o parasita *Toxoplasma gondii* que é causa a toxoplasmose (Meng; Lindsay; Sriranganathan, 2009), o protozoário *Trypanosoma cruzi* responsável pela Doença de Chagas (Sangenis *et al.*, 2016) e, a depender da região, o Ebola, o HIV 1 e 2, a antraz, a salmonelose e o vírus espumoso símio (Ripple *et al.*, 2016). Por fim, Ferreira, Salla e Pacheco (2021) considera que na caça, manipulação e/ou consumo da carne de tatus, o caçador está sujeito a contrair toxoplasmose e doença de Chagas, já citadas anteriormente, além da coccidioidomicose doença causada pelos fungos *Coccidioides immitis* e *Coccidioides posadasii* e a hanseníase, doença ocasionada pela bactéria *Mycobacterium leprae*.

Ao falarmos de doenças infecciosas transmissíveis, automaticamente pensamos no cenário da pandemia do SARS-CoV-2 (COVID-19) que iniciou aqui no Brasil em 2020, bem como no cenário atual de surtos por gripe aviária em aves silvestres em pleno 2023. No caso do novo coronavírus, causador da COVID-19, de acordo o Portal do Butantan⁴, levantou-se teorias para explicar a origem do vírus, dentre elas, o contato entre um ser humano e um animal contaminado pelo vírus, principalmente um morcego, além da transmissão do vírus de um morcego para um mamífero intermediário, e desse mamífero para um ser humano. Já no caso da gripe aviária, já existiram surtos do vírus de influenza A (IAV) em décadas passadas e, em pleno 2023, acendeu-se o sinal de alerta sobre a doença viral devido a muitas aves silvestres morrerem pela doença. Por conseguinte, isso nos leva a refletir o quão perigoso pode se tornar o contato próximo com esses animais silvestres na transmissão de zoonoses, incluindo quando caçados, manipulados ou consumidos pelas pessoas.

Existe uma pressão crescente da opinião pública para medidas mais efetivas contra a caça. À face do exposto, uma alternativa para quem caça por subsistência, pessoas vulneráveis economicamente, seria fornecer meios para adquirir uma renda e, consequentemente, poder comprar alimentos ou produzi-los. Já para mitigar a problemática da caça esportiva e comercial, é urgente envolver políticos e economistas, porque é a partir desses setores que medidas podem ser pensadas e tomadas de forma efetiva. E como citado no início deste parágrafo, não podemos esquecer o importante papel que a população desempenha para pressionar e questionar essas medidas, mas para isso, urge serem cidadãos críticos e atuantes. A EA crítica pode ajudar nesse processo.

⁴ Acesse o portal aqui: [Como surgiu o novo coronavírus? Conheça as teorias mais aceitas sobre sua origem - Instituto Butantan](#)

Diante do mencionado, nosso objetivo aqui não é detalhar todas as alternativas para mitigar o problema socioambiental da caça, mas evidenciar o importante papel que a EAC desempenha nisso, seja estimulando as pessoas a lutarem contra a causa, seja para pressionar os governantes a tomarem medidas mais efetivas sobre o problema.

2.2.1 Reflexões sobre EAC no enfrentamento da caça de animais silvestres

Nesta subseção iremos abordar as nossas reflexões sobre como a EA crítica pode contribuir para o enfrentamento do problema socioambiental da caça. Também é um momento para colocar em nota algumas considerações aprendidas em subseções anteriores.

Iniciamos considerando que a EAC desempenha papel fundamental na conscientização e, na medida do possível, sensibilização das pessoas sobre as questões socioambientais, e esperamos que não seja diferente quando estamos falando da caça de animais silvestres. Diante disso, a EA crítica precisa ser capaz de estimular uma identidade cidadã coletiva, consciente, ética, solidária, participativa e com atitude para entendermos e agirmos em defesa da grande teia de vida complexa e compartilhada que se faz presente entre nós e os outros animais. O objetivo é alcançar o consciente do outro para, enfim, gerar mudanças de hábitos e construir uma cidadania socioambiental, dotada de valores e respeito às diversas formas de vida. Porém, temos que ter noção que não é uma tarefa fácil, uma vez que, quando estamos lhe dando com populações humanas vulnerabilizadas e que precisam sobreviver tirando o sustento nutricional da caça, fica mais difícil conscientizá-los e sensibilizá-los, e porque também nossa espécie se coloca em primeiro lugar em detrimento das outras vidas. Para mais, é importante ter em mente que essas pessoas vulnerabilizadas não estão nessa condição porque querem, elas estão assim devido ao sistema capitalista as privarem de terem os direitos básicos garantidos, necessitando alertá-las sobre isso também.

Outra indagação diz respeito a como possibilitar às pessoas terem consciência socioambiental e buscarem por justiça socioambiental. Uma coisa é certa, é preciso que a informação dos problemas e das suas consequências chegue de forma clara e contínua até quem queiramos atingir, só assim, entenderão seus compromissos e responsabilidades para mitigá-los, para isso é necessário a fomentação e a aplicação de políticas públicas educacionais e ambientais que tratam da problemática como necessária, urgente e permanente. Isso é de extrema valia, em razão de muitas pessoas ainda manterem um pensamento reducionista acerca da natureza, ou seja, as pessoas acham que os recursos provindos da

natureza são infinitos, incluindo os animais, pois a lógica do mercado capitalista sempre está estimulando esse pensamento, já que usa a natureza e as pessoas para continuar lucrando. Desse modo, é necessário conscientizar para que não os vejam como simples recursos a serem explorados, pois uma hora acaba e poderemos sentir falta do bem-estar que eles nos proporcionam, socialmente e ecologicamente falando, uma vez que somos dependentes desses seres vivos. Além disso, só pelo fato dos animais existirem, já são importantes e merecem respeito.

Quando olhamos a relação entre o ser humano e os animais, nitidamente achamos eles belos, fofos, depositamos amor e paixão, ou o contrário, sentimos medo, ódio, achamos eles feios, asquerosos e outros. Todas essas características estão associadas ao nosso emocional e, muitas das vezes, emoções como o medo, a raiva e o prazer estimulam a caça. É angustiante quando olhamos a situação da caça em seus aspectos esportivos ou comerciais, já que os caçadores não estão nem aí para o sofrimento dos animais e ceifam suas vidas pela gana do dinheiro ou ceifam suas vidas pelo prazer e adrenalina que isso gera. É essencial aceitar os animais como seres sencientes, como defendido por Behling e Caporlingua (2019) e, que sofrem e têm ciência dos seus sofrimentos e, nesse quesito, é uma crueldade e um desrespeito não os reconhecê-los como possuidores desses sentimentos, de valores e direitos, bem como não serem considerados vidas que merecem dignidade tal quanto a humana. É imprescindível despertar nas pessoas o lado crítico, sensível e afetivo de cada um para que possam ver beleza, sentir amor e emoção, construir uma identidade de respeito com os animais e ter sabedoria e compaixão com essas vidas, e isso é possível através de uma EAC, já que ela pode romper com o egoísmo das pessoas.

É também através da EAC que podemos romper com o pensamento antropocêntrico das pessoas, de que o ser humano é o centro de tudo. Se a visão antropocêntrica considera a razão como sendo um critério para o ser ter direitos morais, com a EAC e o seu poderio científico, podemos propor o inverso, usar da razão, em um estado de reflexão, para mudar pensamentos e comportamentos egocêntricos, levando as pessoas a terem uma mentalidade biocêntrica que, segundo Júnior e Oliveira (2020), considera os demais seres vivos como possuidores de valores, sendo tão importantes quanto o ser humano. Por fim, o biocentrismo também acata os animais como seres sencientes, com isso, devemos usar desse parâmetro para fomentar a importância de respeitar essas vidas e de dá-las a liberdade e autonomia necessária, pois a vida deve ser o centro do “universo”.

É fundamental alertar as pessoas para as consequências decorrentes da caça, ou seja, informá-los sobre os cenários de florestas vazias, essas que mostra a situação desestabilizada do ecossistema com perdas dos processos ecossistêmicos, corroborado, por exemplo, para o desequilíbrio climático, além do surgimento e proliferação de doenças zoonóticas infecciosas e até, se analisarmos o padrão de vida que tanto criticamos, um padrão consumista e bancário, todos esses fatores irão corroborar prejudicando a economia das nações.

Trazendo para campo educacional, é preciso ressaltar que questões como direitos dos animais não são disseminadas no ambiente formal de ensino como uma prioridade ou urgência a ser enfatizada no campo da EA. Quando paramos para refletir sobre essa situação, as ações em EA executadas nas escolas, em muitos casos, são voltadas para questões de descarte correto do lixo, coleta seletiva e reciclagem, bem como para a produção de horta na escola, mas quando analisamos a pauta dos direitos dos animais, normalmente só aparece a discussão em um período específico, no Abril Laranja, a qual coloca em evidência a prevenção da crueldade contra os animais. Em contrapartida, o direito dos animais é mais enfático no ambiente não formal, mesmo que superficialmente. Com relação a isso, é relevante dar mais enfoque para essa questão, devido a tudo que já foi mencionado anteriormente.

No espaço formal, o docente, se tiver um aporte teórico e prático crítico sobre os problemas socioambientais, o que é difícil devido a precariedade do trabalho docente e a não valorização da identidade do professor, principalmente da educação básica, pode contribuir para a troca de saberes, gerando reflexões sobre os direitos animais e, especificamente sobre a caça como uma problemática socioambiental. Já no contexto de espaços não formais e informais é significativo considerar o papel que a EA crítica desempenha na sensibilização para a proteção animal, ou seja, através de ações práticas dos educadores ambientais, não necessariamente docentes, em espaços sociais, culturais e outros, tendo fundamentações teórico-críticas da EA, contribuem enormemente para a causa. Por isso, em todos os contextos, é fundamental o incentivo para refletir e questionar as ações e modelos políticos, econômicos e culturais que refutam e/ou legitimam a exploração dos animais através da caça, entretanto, diante das circunstâncias citadas neste parágrafo, se os educadores ambientais não tiverem criticidade e embasamento teórico, prático e político da EA, fica à mercê de fundamentos infundadas e sem sentidos para gerar mudanças de valores.

É necessário emancipar os cidadãos para participar da transformação e/ou reconstrução de uma sociedade harmônica, buscando a igualdade e o respeito aos direitos

humanos e aos direitos animais e, para isso, devem ter a responsabilidade e o compromisso de agirem fiscalizando e questionando as políticas públicas ambientais impostas a nossa sociedade e, especificamente, aos agentes causadores de crises ambientais.

Por fim, para a emancipação dos sujeitos através da educação é imprescindível a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, fazendo valer o caráter holístico da EA crítica. A literatura de cordel com abordagem poética pode auxiliá-la, promovendo a conscientização e a sensibilização ambiental inerente à caça. Nesse contexto, na próxima seção iremos refletir sobre as concepções de cordelistas que trazem em suas estrofes de cordel informações sobre a caça de animais silvestres. Será um momento para tecermos e refletirmos sobre o impacto que essa poesia popular pode proporcionar sobre o problema da caça.

2.3 O cordel como recurso didático

Antes de analisar e discutir as concepções dos cordelistas sobre a caça de animais silvestres, é importante saber um pouco sobre a literatura de cordel, uma poesia representada pelos poetas cordelistas. Assim, ao falar de literatura de cordel, estamos nos debruçando em um gênero literário popular, ou melhor dizendo, uma poesia popular brasileira que carrega consigo algumas características particulares que as distinguem de outras poesias (Araújo; Lourenço; Pelacani, 2020; Fabri; Poletto, 2020; Silva; Gabriel, 2019). Portanto, para chegar a ter uma identidade própria brasileira, necessitou sofrer uma série de influências, transformações e adaptações para se configurar como uma literatura característica do povo brasileiro e mais representativa, do povo nordestino (Fabri; Poletto, 2020). São exemplos os seus versos que possuem tons melódicos e humorísticos e as xilogravuras que são ilustrações ou desenhos feitos a partir de madeiras entalhadas, uma confecção feita a mão com auxílio de ferramentas pontiagudas (Araújo; Lourenço; Pelacani, 2020; Fabri; Poletto, 2020; Queiroz, 2012; Silva; Gabriel, 2019).

A origem da literatura de cordel se dá através de narrativas orais, mas com o passar do tempo ganhou destaque de forma física e passou a ser disseminada tanto oralmente quanto de forma impressa (Araújo; Lourenço; Pelacani, 2020; Fabri; Poletto, 2020). Mesmo o cordel estando escrito, seu processo de criação e divulgação é dependente da oralidade e, na oralidade, o cordel provoca o riso, encanto e a emoção (Silva; Dolci; Rezende, 2019). Atualmente, apesar de ser distribuída em folhetos ou livretos de cordéis impressos, com o

avanço tecnológico, os poetas cordelistas têm divulgado cada vez mais seus materiais em plataformas *online* (Santos, 2021).

O termo ‘cordel’ surgiu devido a esse material ser pendurado em barbantes ou cordas, a qual fica preso em dois suportes, normalmente pregadores, e são vendidos em feiras e locais públicos (Nogueira, 2016; Queiroz, 2012; Silva; Gabriel, 2019). Os folhetos de cordéis possuem 8, 16, 32 e, raramente, 64 páginas, medindo de 11 cm de comprimento a 15,5 cm de altura (Neves, 2018; Queiroz, 2012). Neles encontramos versos (cada linha) e estrofes (conjuntos de versos), apresentando rima, métrica e oração bem definidas, deixando sua leitura fácil e tornando-os agradáveis quando recitados ou cantados em público (Araújo; Lourenço; Pelacani, 2020; Fabri; Poletto, 2020; Queiroz, 2012).

As estrofes podem ser classificadas em quatro versos ou quadra, seis versos ou sextilha, sete versos ou septilha e dez versos ou décima (Neves, 2018; Queiroz, 2012; Santos, 2021). Já com relação às suas rimas, devem ser rimas perfeitas, evitando as imperfeitas. Na métrica há a medição em redondilha maior (sete sílabas poéticas) para cada verso. Por fim, a oração, essa que diz respeito a cada termo utilizado e o papel que desempenha na mensagem passada (Neves, 2018; Queiroz, 2012).

Os poetas cordelistas utilizam da subjetividade para representar nos cordéis o que eles percebem e vivem no mundo real e, para isso, costumam usar vocabulário e saberes sociais e culturais da região, resgatando memórias e tradições (Silva; Gabriel, 2019). E, nesse cenário, é de se esperar que, em épocas remotas nas zonas rurais nordestinas, os cordéis assumiram o papel de disseminadores de informações e conhecimentos, pois não havia rádio na época, isso antes de 1922 (Araújo; Lourenço; Pelacani, 2020). Nesse quesito, informações sobre política com suas ideologias, economia e sociedade em seus aspectos culturais e históricos eram comumente informados de forma fácil e objetiva (Queiroz, 2012; Silva; Dolci; Rezende, 2019; Silva; Gabriel, 2019).

O cordel é uma importante ferramenta no processo de ensino e entretenimento das pessoas, ou seja, tem papel significativo no processo educativo e comunicativo, proporcionando a construção de saberes através do interdisciplinar, visto que envolve a arte, a cultura e a ciência (Santos, 2021). Com essa característica, tem o potencial de conscientizar as pessoas de forma individual ou coletiva, sendo acessível na divulgação das informações e instigando a problematização na busca por transformação social da realidade (Araújo; Lourenço; Pelacani, 2020). Por todas essas características, o cordel se tornou Patrimônio Cultural do Brasil (Silva; Gabriel, 2019).

2.3.1 Concepção dos poetas cordelistas sobre a caça de animais silvestres

Ao buscar os *corpus* de folhetos de cordéis sobre a caça de animais silvestres, selecionamos 16 obras de 9 cordelistas que publicaram suas obras entre os anos de [19--]⁵ e 1983 (Quadro 1). A organização das obras no quadro levou em consideração, primeiramente, a ordem alfabética dos nomes dos autores e, como etapa decisiva, os nomes das obras em ordem alfabética, já que a data de publicação de alguns cordéis apresenta incertezas.

Quadro 1 - Cordéis selecionados e seus respectivos autores e anos de publicação

TÍTULO DO CORDEL	AUTOR DO CORDEL	ANO DE PUBLICAÇÃO
O Caçador Zé Caetano e a voz do Pai da Mata	Francisco Sales Arêda	[19--]
O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna	Francisco Sales Arêda	[19--]
A filha do pescador	João Martins de Athayde	1975
O Balão do Destino ou a menina da ilha	João Martins de Athayde	1949
O príncipe e a fada	João Martins de Athayde	1944
Historia do Caçador que foi ao Inferno	José Pacheco	[19--]
Coisas do SERTÃO	José Soares	[19--]
Pistoleiro do amor	Manuel d' Almeida Filho	[19--]
A Caboclinha da gruta	Manuel Pereira Sobrinho	[19--]
Suspiros de um sertanejo	Manuel Pereira Sobrinho	1959
Coleção de musicas sertanejas: Caçada na Lapa	Minelvino Francisco Silva	[19--]
História da gibóia do Pará que atraiu o caçador	Minelvino Francisco Silva	[19--]
Um Cabaré no inferno - O caçador arrependido	Minelvino Francisco Silva	[19--]
Deus e o mundo: O último tiro	Raimundo Santa Helena	1983
Duelo do Padim ciço com o Papa: A última caçada	Raimundo Santa Helena	1980
História de Ubirajara e o Índio pojucan	Severino Milanês da Silva	1976

Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2023.

⁵ Obras publicadas no acervo *online* da Fundação Casa de Rui Barbosa que não fazem menção à data de publicação, tanto no acervo quanto nos cordéis. Priorizou-se pelo possível século de publicação das obras.

Dos cordéis selecionados, os destaques vão para os cordelistas João Martins de Athayde com três obras selecionadas (*O príncipe e a fada*; *O Balão do Destino ou a menina da ilha*; e *A filha do pescador*) e Minelvino Francisco Silva também com três obras selecionadas (*Coleção de músicas sertanejas: Caçada na Lapa*; *História da gibóia⁶ do Pará que atraiu o caçador*; e *Um Cabaré no inferno - O caçador arrependido*). Percebe-se a predominância total de cordelistas homens sobre as obras selecionadas, mostrando que a literatura de cordel foi dominada por eles. Sobre isso, atualmente existe um crescente movimento de resistência de mulheres cordelistas contra o machismo no cordel, inclusive a cordelista sergipana Izabel Nascimento integra esse grupo seleto de poetas.

Em cada cordel selecionado, encontra-se pelo menos uma estrofe representativa e relevante sobre a caça de animais silvestres, como exemplos, identificar as três modalidades da caça (subsistência, comercial e esportiva). Nessa conjuntura, conseguimos analisar de forma crítica as concepções dos cordelistas sobre a temática em cada estrofe.

As estrofes das obras que não foram selecionadas apresentam os descritores que pré-definimos, porém, não foram representativas para atingir o objetivo da pesquisa, não sendo significativa para a análise crítica, já que não contextualiza a mensagem, não dando a entender ou interpretar que se trata da caça. Um exemplo é a estrofe da obra “*Sinfonia da natureza vozes de 137 animais: Caçador urbano*” do cordelista Raimundo Santa Helena:

- Espingarda de chumbinho/ Faz de ti um assassino:/ Ela mata passarinho/ Fura olho do menino/ E de tantas outras vidas/ Os tiros abrem feridas/ Nos rastros do teu destino...RSH (Helena, 1986, p. 7)

Podemos perceber que a estrofe até traz a espingarda de chumbinho como uma arma que mata passarinho, mas não dá para inferir que se trata da caça, ou seja, fica sem sentido para realizar a análise, pois não há contextualização.

É importante pontuar que a ortografia dos títulos e das estrofes dos cordéis que trouxemos aqui se mantiveram do mesmo modo da escrita original e que algumas das estrofes não apresentam os descritores pré-estabelecidos na busca, todavia elas estão incluídas, já que dão sentido às outras selecionadas.

A partir de agora iremos analisar criticamente as concepções dos cordelistas sobre a caça de animais silvestres considerando algumas adaptações da ATD. Nesse contexto, as estrofes foram organizadas, agrupadas e ordenadas em unidades de análise, a exemplo da unidade: “caça de subsistência”. Desse modo, isso significa que as estrofes que denotam essa

⁶ Palavras com erros ortográficos presente nos títulos das obras de cordéis e que se mantiveram escritas assim devido a licença poética que os cordelistas possuem em suas escritas e respectivas épocas.

categoria da caça estão juntas para ter o processo de análise e inferência crítica, tendo a descrição e interpretação, além da argumentação para a construção de novos significados.

Iniciamos com as estrofes do cordel “*O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna*” de Francisco Sales Arêda e da obra “*História de Ubirajara e o Índio pojucan*” de Severino Milanês da Silva, a qual os cordelistas escreveram cenários que remetem à caça de subsistência. No caso da primeira amostra, é enfatizado a necessidade que uma família tem para realizar uma refeição com seus filhos e, nessa situação, optam pela caça para satisfazê-las nutricionalmente. Já no segundo cordel, o cordelista Silva (1976) retrata atividades desenvolvidas por grupos indígenas, sendo elas a caça e a pesca, a saber:

- É verdade maridinho/ você tem razão sobrada/ porei vejo que nós temos/ 10 filhos numa ninhada/ e para ceiar se hoje/ em casa não temos nada./ (Arêda, [19--], p. 4)

- Meu velho pegue a espingarda/ e vá na mata caçar/ nambú, rolinha asa-branca/ que é na certa matar/ de noite se faz pirão/ para a negrada ceiar./ (Arêda, [19--], p. 4)

- Estava a taba deserta/ os índios estavam caçando/ uns em busca de caça/ outros nos rios pescando/ só estava em casa o chefe e as mulheres trabalhando/ (Silva, 1976, p. 19)

Podemos perceber que a caça ganha papel relevante quando as pessoas estão em situação de vulnerabilidade através da fome ou por praticá-la como um ato simbólico que é tradição cultural, nesse caso, em comunidades indígenas. Ambas as práticas são consideradas de subsistência, já que os indivíduos utilizam os animais como alimento para sobreviver, visando benefícios para si, para a família ou para a comunidade sem receber qualquer valor capital. Por conseguinte, embora a caça seja uma importante fonte nutricional que garante a segurança alimentar de pessoas, como já mostramos em Ripple *et al.* (2016), essas pessoas, involuntariamente, podem contribuir para os surgimentos de zoonoses em nossa sociedade, uma vez que no processo de captura, preparo e consumo do recurso alimentar pode contrair patógenos zoonóticos perigosos. Ainda mais, podem contribuir para a redução da população de espécies de animais, podendo modificar a dinâmica que esses seres estabelecem com o ambiente, influenciando negativamente em nossas vidas também como já mostrado em um momento anterior. Com isso, os riscos proporcionados pela caça valem para qualquer modalidade dela, subsistência, esportiva e profissional, e em maior grau nas duas últimas.

Quando se encontra as vertentes “segurança alimentar”, “simbolismo cultural” e “riscos da caça”, nesse cenário de subsistência, é de extrema urgência políticas públicas sociais e econômicas para favorecer maiores condições de vida socioeconômicas para as

peessoas vulneráveis, mas além disso, proporcionar momentos que gerem sensibilização das pessoas para os riscos que a caça oferece aos seres humanos, e esse é o papel que a EAC deve exercer, com esse fim, políticas públicas educacionais e ambientais se fazem necessárias.

Nas estrofes dos cordéis “*O príncipe e a fada*” de João Martins de Athayde e “*Suspiros de um sertanejo*” de Manuel Pereira Sobrinho podemos interpretar a mensagem como sendo a categoria de caça esportiva. No primeiro caso, apesar do caçador ter condições econômicas favoráveis por ser filho de um rei, se aventura na prática da caça, indicando uma forte tendência para uma atividade esportiva que gera lazer ao príncipe. No segundo caso, consideramos como caça esportiva, pois, mesmo que o caçador possua animais domésticos que poderiam servir de alimento para si, afirma praticar a caça de diversos grupos como de mamíferos e aves, bem como a pescaria de peixes e exploração de mel de abelhas, a seguir:

- Bamam era um grande príncipe/ filho do rei do país/ andava pela montanha/ à caça de javalis/ dos tigres e leopardos/ melros, pardais e perdiz/ (Athayde, 1944, p. 1)

- Quando em tempo de solteiro/ Eu tinha cabra e ovelha;/ Saía pelos serrotes/ Sòzinho ou de parelha/ Caçando tatú, mocó,/ Preá e mel de abelha./ (Sobrinho, 1959, p. 29)

- Ao sair para a caçada/ No baixio ou taboleiro/ Em poucas horas trazia/ Tatú-bola e verdadeiro,/ Cutia, tamanduá/ E um macaco de cheiro./ (Sobrinho, 1959, p. 29)

- Indo ao rio ou à lagôa/ Pela parte da manhã/ Pescava tupunaré,/ Traíra e curimatã;/ Na tarde me ocupava/ Com marreca e jaçanã./ (Sobrinho, 1959, p. 30)

Em ambas as situações podemos dizer que são práticas culturalmente construídas e que servem como atividade recreativa, ou seja, como forma de ‘distração’. Como já ressaltamos em momentos anteriores, essa modalidade da caça é proibida no Brasil, contudo, na atualidade, caçadores ainda a praticam de forma sigilosa e criminosa. Assim, é uma cultura violenta e antropocêntrica que cega as pessoas ao ponto de não estarem nem aí para o sofrimento dos animais silvestres que são vidas. O prazer do ser humano é mais importante do que a angústia da morte desses seres.

Há um caso específico nas estrofes da obra “*O Balão do Destino ou a menina da ilha*” de João Martins de Athayde, mas que consideramos como caça esportiva, a qual um príncipe saiu para caçar e como prestígio recebeu o reconhecimento do rei pela coragem do feito:

- Mandaram chamar Durval/ por Nicacio o conselheiro/ poucos minutos depois/ ele voltou mui ligeiro/ e disse: foi pra caçada/ bem cedinho o príncipe herdeiro/ (Athayde, 1949, p. 15)

- Durval abateu um tigre/ e uma onça pintada/ pôde matar um leão,/ em uma grande emboscada/ patos selvagens ele trouxe / para completar a caçada/ (Athayde, 1949, p. 16)

- O rei Kito com aquilo/ ficou bastante orgulhoso/ abraçou Durval sorrindo/ e disse muito jocoso/ você com esta caçada/ mostrou que é corajoso./ (Athayde, 1949, p. 16)

Diante do apresentado, para intervir nessa prática cruel, a EAC pode contribuir de forma significativa no sentido de sensibilizar os caçadores, contudo só ela não é suficiente. É preciso uma maior fiscalização e um maior rigor na punição (mais do que as leis já aplicam) para esses infratores, uma vez que muitos deles têm consciência do que fazem, visto que fazem por lazer, prazer e adrenalina. Com leis mais rígidas, os infratores pensarão em se aventurar nessa atividade cruel.

Estrofes do cordel “*A Caboclinha da gruta*” de Manuel Pereira Sobrinho explicitam o papel que a caça desempenha no processo de obtenção de dinheiro, assim dizendo, estamos diante da caça profissional, também chamada de comercial ou furtiva, a saber:

- Então no reinado inglês/ habitavam um caçador/ com 3 cachorros de caças/ que das feras era o terrôr/ trez amigos de fiança/ Reno, Estrêla e Protetor/ (Sobrinho, [19--], p. 1)

- E saía com seus cães/ pegava tigre e matava/ urso, leão, leopardo/ todos os couros tirava / espichava-os muito bem / e da carne se alimentava/ (Sobrinho, [19--], p. 3)

- Passado o primeiro mez, o caçador resolveu/ ir a cidade mais próxima/ e dos couros que colheu/ levar uns para vender/ e assim mesmo se deu/ (Sobrinho, [19--], p. 4)

- Levou 10 couros de tigres / 50 couros de arminho/ seis couros de leopardos/ numa jaula um leãozinho/ e banha de cascavel/ levou também um <<vidrinho>>/ (Sobrinho, [19--], p. 4)

- José seguiu a viagem/ com tudo quanto levou / com 8 dias completo/ na tal cidade chegou/ e um armazem de couro/ bem na entrada encontrou/ (Sobrinho, [19--], p. 5)

- Entrou com couros e cães/ vidro de banha e leão/ vendeu leão. couro e banha/ a soma deu um milhão/ e disse que no seu rancho/ havia maior porção/ (Sobrinho, [19--], p. 5)

Pudemos perceber que apesar do caçador consumir a carne da caça, o que poderia configurar como caça de subsistência, se estivesse passando por necessidades, ele pega partes dos animais e as retiram para serem comercializadas, ou seja, não visa saciar a fome, mas sim interesses comerciais lucrativos. Até um animal vivo foi posto à venda, o que configura como tráfico de animais silvestres. Mostramos através de Eliason (2003) que essas atividades são ilegais e que de acordo com a Lei nº 5.197 e a Lei nº 9.605 são criminosas, tendo a pena aumentada ao triplo, um tanto insignificante para os caçadores, pois atualmente eles permanecem caçando, sendo que a rentabilidade financeira da caçada vale mais apenas do que recebe as penalidades estabelecidas nas leis.

É mais uma modalidade da caça que a EAC por si só não garante mudança de comportamento dos infratores, é fundamental penalidades mais efetivas, nesse quesito, tanto a caça comercial quanto a esportiva, ser considerada crimes inafiançáveis. Políticas públicas educacionais, culturais, ambientais e econômicas são necessárias.

Os cordéis “*História da gibóia do Pará que atraiu o caçador*” de Minelvino Francisco Silva, “*Coisas do SERTÃO*” de José Soares e as obras “*A Caboclinha da gruta*” e “*Suspiros de um sertanejo*” de Manuel Pereira Sobrinho trazem em suas estrofes as variadas formas e técnicas que os caçadores utilizam para executar a caçada:

- Ali naquele terreno/ Tem caça mesmo á vontade, Tem veado e caititu/ Paca e tatu de verdade/ Também a onça pintada/ Não se sabe a quantidade./ (Silva, [19--], p. 1)
- Os caçadores ali / Para um veado matar, È sò sair no aceiro / Da roça olhando a vagar,/ Com pouco traz um veado/ Tão grande de admirar./ (Silva, [19--], p. 2)
- Fizeram logo um contrato:/ quem o veado encontrar/ E dér o primeiro tiro,/ Se por acaso matar/ Dê dois tiros, para o outro/ Vim ajudar transportar./ (Silva, [19--], p. 2)
- O caçador furioso/ lança a caça uma anatema/ passa o dia acorado/ no tronco de uma jurema/ com a espingarda em punho/ esperando a seriema/ (Soares, [19--], p. 3)
- Meninos com cinco anos / armam queixó e mondé/ na vareda ou no lajedo/ para pegar punaré/ as moças armam arapuca/ prá pegar nambú a pé/ (Soares, [19--], p. 3)
- Péga-se Preá da India/ no mondé ou no quixó/ laça-se a Raposa choca/ Gato do mato e mocó/ mata-se de baleadeira/ Galinha d'água e socó/ (Soares, [19--], p. 4)
- José fez ranchozinho/ coberto com catolé/ de dia armava quixó/ laço, arapuca e mondé/ pegava paca e veado/ mocó, preá, punaré/ (Sobrinho, [19--], p. 3)
- Sai de casa o caçador/ Com cachorro perdigueiro/ Caçando paca, tatú/ E peba no tabuleiro/ Espirra louco o veado/ Da sombra do umbuzeiro./ (Sobrinho, 1959, p. 22)
- Late o cão atrás da caça/ Grita alto o caçador/ O tatú corre prá tóca; No salão, o tocador/ Corre o dedo na sanfona/ Tomando cana e licor!.../ (Sobrinho, 1959, p. 22)
- Tarde, bem tarde da noite/ Se agasalha o lavrador/ Dansa a môça no salão,/ Chega em casa o caçador/ Gemendo ao pêso das caças/ Mas, nem têm outro temor./ (Sobrinho, 1959, p. 23)

Como pudemos ver, os cordelistas trazem informações pertinentes sobre as múltiplas formas e técnicas da atividade da caça, tal qual apresentado na literatura por Ferreira, Campos e Araújo (2012), autores já citados anteriormente. Nesse contexto, observamos a presença da caça de espera como em estrofe de Soares ([19--], p. 3), da técnica de caça com cachorros como em Sobrinho (1959, p. 22) e a técnica a pé em trilhas como em Silva ([19--], p. 2). Além disso, menciona-se o uso de armadilhas e espingardas como em Silva ([19--], p. 2), Soares ([19--], p. 3) e Sobrinho ([19--], p. 3). E, finalmente, chamamos a atenção para a estrofe de Soares ([19--], p. 3) que mostra crianças, meninos e meninas, exercendo a atividade

da caça e pescaria. Isso já foi documentado em um momento anterior em Dantas-Aguiar *et al.* (2011), que ressaltam que a caça começa na primeira infância com o uso de armadilhas, principalmente.

Nos cordéis “Pistoleiro do amôr” de Manuel d' Almeida Filho, “Duelo do Padim ciço com o Papa: A última caçada” e “Deus e o mundo: O último tiro”, obras de Raimundo Santa Helena, e “Um Cabaré no inferno - O caçador arrependido” de Minelvino Francisco Silva, os cordelistas demonstram arrependimento de ter praticado a atividade da caça e/ou demonstram a preocupação de proteger os animais:

- As caças eram demais,/ juriti, rôla, nambu,/ mocó, cutia, preá,/ veado, paca, tatu,/ capivara, porco-espinho,/ onça, macaco e tejú./ (Filho, [19--], p. 7)

- Quanto á caça na fazenda/ tinha em todos os lugares,/ magotes e mais magotes,/ nas estradas, aos milhares,/ os passarinhos voando/ faziam nuvens nos ares,/ (Filho, [19--], p. 7)

- O major dizia: eu quero/ ver os animais contentes,/ na minha terra garanto/ todos os sêres viventes,/ Eu protejo os criminosos/ porque não os inocentes?/ (Filho, [19--], p. 7)

- A espreita de uma caça, pra matar,/ Vou andando pelas matas, de mansinho/ Segurando a espingarda, com carinho,/ Ouço algo e procuro me agachar.../ (Helena, 1980, p. 17)

- Mergulhado num véu de cipós em trança/ Pouco a pouco me aproximo, rastejando.../ Sobre um tronco levemente vem passando,/ Em silêncio um par de sombras, que avança.../ (Helena, 1980, p. 17)

- Com a pala tapo o Sol, olhando o céu -/ E num galho seco, como dois casacos,/ Um peludo casal de mono-macacos,/ Trocando carícias de lua-de-mel.../ (Helena, 1980, p. 17)

- Por trás de garranchos, acima de um toco,/ O macho me avista - Cadê o machismo?/ Deixando a macaca ao meu vil sadismo,/ Na mira de um cano, aos olhos de um louco.../ (Helena, 1980, p. 17)

- Com um tiro certo bem no coração/ Despenca a bichinha por entre os cipós!/ Grunhindo baixinho, sua última voz/ Espirros de sangue chovendo no chão.../ (Helena, 1980, p. 17)

- Filhotes fuçando, gemendo em aflição,/ No peito materno, tentando mamar.../ Eu juro, ó meu Deus, nunca mais vou caçar!/ Trocai minhas balas por flores e pão!!!!!!/ (Helena, 1980, p. 17)

- Com instinto selvagens fui caçar/ Transformando num monstro de espinho/ Para mim espingarda era vinho/ Cor do sangue que eu via derramar/ Liberdade eu tinha para matar/ É o Homem que faz a sua lei/ Com as armas na mão se torna rei/ Destruindo reservas florestais/ Vai matando irmãos e animais/ Muitos ninhos nas matas profanei.../ (Helena, 1983, p. 15)

- "Mamucaba" a serra se chamava/ Foi no ano 60 e mais um/ Urubu andorinha e anum/ As 3 aves que eu nunca matava/ Pelo chão só calango escapava/ Tudo mais

era caça eu comia/ Ou então pra treinar pontaria/ Como faz o tirano nos mais fracos/
Fui ali procurar mono-macacos/ E achei para minha alegria.../ (Helena, 1983, p. 15)

- Arrasando as coisas e beleza/ Ninguém pensa no meio ambiente/ No pecado do crime consciente/ Defloramos assim a Natureza/ Apertei minha arma com firmeza/
A macaca no tiro cai sangrando/ Na mãe morta o filho vai mamando/ Quebra arma começo a chorar/ Ó meu Deus nunca mais eu vou caçar/ Minhas balas por flores vou trocando... FIM/ (Helena, 1983, p. 15)

- Ia para o mato caçar/ Era minha diversão/ Matar codorna e nambu/ Juriti e gavião/
Achava muito bonito/ E tinha satisfação/ De atirar e vê a queda/ Do pássaro rolar no chão/ (Silva, [19--], p. 9)

- No domingo pra caçada/ De madrugada eu saía/ Pra matar galinha d'água/ E todo pássaro que via/
Atirava o dia todo/ Em tudo que aparecia/ E a capanga cheinha/ De passarinho eu trazia/ (Silva, [19--], p. 9)

- Outro domingo que eu ia/ Fazer uma outra caçada/ Encontrava juriti/ Que estava toda aleijada/
Uma que faltava o bico/ Outra de perna quebrada/ Outra sem poder voar/ Andando toda enconcada/ (Silva, [19--], p. 9)

- Vendo aquele sofrimento/ Tocou em meu coração/ Eu disse comigo mesmo:/ Isto é judiação/
Eu não necessito disso/ Tenho minha profissão/ Vou abandonar caçada/ A Deus vou pedir perdão/ (Silva, [19--], p. 9)

- O facão enferrujado/ E a espingarda também/ Botei os dois lá num canto/ Que em minha casa tem/
Para nunca mais caçar/ Nem aqui e nem além/ Pra não matar os bichinhos/ Que não faz mal a ninguém/ (Silva, [19--], p. 9)

Nesse contexto, estratégias como a de passar mensagens mais fortes e emotivas nos cordéis pode ser muito significativo para aflorar um sentimento de compaixão e, com isso, conscientizar e sensibilizar as pessoas sobre a crueldade da caça.

A partir de agora iremos analisar estrofes que não deixam claro qual o tipo de caça praticada por caçadores, mas independentemente da modalidade, percebemos o caráter exploratório e cruel de tais práticas. Dessa maneira, nas estrofes do cordel “*Coleção de musicas sertanejas: Caçada na Lapa*” de Minelvino Francisco Silva, o cordelista mostra a atividade de caça, bem como a confecção de uma vestimenta de origem a partir da caça:

- Fui u'a caçada na Lapa/ Matar codorna e nambu/ Matei um pato tão preto/ Que parecia um urubu/
Matei u'a cobra amarela/ De nome jaracuçu/ Mas só o que não gostei/ Que fui vestido e vim nu/ (Silva, [19--], p. 2)

- Minha caça virou uma saia/ Sapato virou angu/ De tanto pisar na lama/ Como jacaré assu/
Vi cada passaro tão grande/ Que parecia um piru/ Mas só o que não gostei/ Que fui vestido e vim nu/ (Silva, [19--], p. 2)

Na sequência de estrofes do cordel, os cordelistas não trazem informações claras se a prática é de subsistência ou profissional. Entretanto, independentemente se a vestimenta produzida foi utilizada em benefício próprio, sem fins lucrativos, ou visando a

comercialização, em ambas as situações, são atividades que não são permitidas, uma vez que só é permitida quando o agente pratica visando saciar a fome.

No caso das estrofes presentes na obra “*O Caçador Zé Caetano e a voz do Pai da Mata*” do cordelista Francisco Sales Arêda, ele inicia uma estrofe dando a entender que a caça é de subsistência, na segunda a considera como uma profissão do caçador e na terceira afirma ser uma prática esportiva exercida pelo mesmo infrator, a saber:

- Esse caçador viveu/ A muitos anos ali/ Tirando abelhas e caçando/ Com resultados pra si/ Era a visão do deserto / Nas matas do Piauí/ (Arêda, [19--], p. 1)

- Passava 3 quatro dias / Nas matas frias do norte/ Com uma boa espingarda/ foice e facão bom de corte/ Na profissão arriscada/ enfrentava a propia morte/ (Arêda, [19--], p. 1)

- E nesse arriscado esporte/ Zé Caetano todo dia/ Fazia uma caçada/ As vezes por lá dormia/ Mas sempre constantemente/ Boa caça fazia/ (Arêda, [19--], p. 2)

Na estrofe do cordel “*Historia do Caçador que foi ao Inferno*” de José Pacheco, o cordelista induz o entendimento de duas modalidades de caça ocorrendo ao mesmo tempo, sendo elas a profissional e a esportiva:

- Um homem que existia/ naquela epoca passada/ tomou como profissão/ a diversão de caçada/ as vezes caçava só/ por lhe faltar camarada/ (Pacheco, [19--], p. 2)

Diante disso, cabe ressalvas, pois quem pratica a atividade da caça profissional pode sentir excitação em praticá-la e achar divertido essa prática, indo muito além do aspecto financeiro, porém, nesse caso, como o cordelista não enfatiza e esclarece em outras estrofes sobre essas atividades, não se pode descartar que estejamos diante da caça esportiva também.

Na obra “A filha do pescador” do cordelista João Martins de Athayde, ele ressalta a caça e a pescaria como uma profissão do caçador, mas na última estrofe faz menção ao consumo da carne pelo homem e não deixa evidente se a caça tinha por objetivo a comercialização, a seguir:

- AMON era um pescador/ que na palestina havia/ tinha como profissão/ a caça e a pescaria/ passava a noite no mar/ nos montes, perto do dia/ (Athayde, 1975, p. 1)

- Ele era um pescador/ pelas onças respeitado/ os tigres corriam dele/ o lobo torcia a um lado/ onde ouviam o grito dele/ ficava tudo assombrado/ (Athayde, 1975, p. 1)

- Fêz uma casa com feno/ e dentro dela vivia/ plantava o que precisava/ matava caça e comia/ dois cães naquela choupana/ lhe faziam companhia/ (Athayde, 1975, p. 40)

Como podemos notar, os cordéis trazem o problema socioambiental da caça. Apesar disso, cabem ressalvas nas mensagens passadas pelos cordelistas, já que em algumas estrofes

eles trazerem informações confusas ou errôneas do ponto de vista ecológico como exemplo a presença de espécies animais estarem em ambiente livre em determinadas regiões onde não habitam (leões vivendo em vida livre em território inglês, em estrofe de Sobrinho ([19--], p. 1) ou na estrofe de Athayde (1949, p.16), em que o caçador abateu um tigre, uma onça pintada e um leão em um único local). Dessa maneira, devemos entender que os poetas cordelistas usam da subjetividade e muitas das vezes do mundo fictício para tornar seus cordéis mais atrativos, porém, mesmo sendo tendenciosos, não nega-se o fato de trazerem muitas questões que refletem a realidade, isto posto, as abordagens sobre o problema da caça, mesmo que personagens, lugares e outros sejam inventados, pudemos perceber que os problemas socioambientais da caça explorados nas estrofes dos cordéis dizem de forma significativa o que perpassa no mundo real sobre a problemática.

Através do lúdico e popular, como um fio condutor, o cordel pode contribuir para a construção de conhecimentos científicos de forma mais objetiva, fácil e atraente. Portanto, é uma ferramenta útil no processo educativo e como (re)significador de novos saberes e atitudes, basta que na sua elaboração haja criticidade e, no quesito socioambiental, a EAC pode ajudar nesse processo, em razão de poder alimentar a consciência e o questionamento crítico sobre as nossas práticas cotidianas em relação ao meio socioambiental.

Com relação à caça como problema socioambiental, é preciso aflorar nas pessoas a empatia de olhar para os animais e percebê-los sencientes, isto significa que sentem dor, prazer, medo e outros. No tocante, é necessário buscar e lutar pelos direitos deles a fim de consolidar uma ética animal. É imprescindível gerar mudanças de atitudes, de valores e de comportamentos para que se possa caminhar ao equilíbrio socioambiental.

Diante desse cenário, achamos fundamental elaborar um cordel para que possa servir como material pedagógico na construção de informações sobre a caça de animais silvestres e suas implicações. Percebemos que nas estrofes de cordel selecionadas, poucas trouxeram uma vertente crítica que contribui para a conscientização e sensibilização sobre a caça. Nosso ideal com o cordel elaborado, que está na próxima seção, é fomentar e fortalecer essa criticidade.

3. SÓ SE MATA O QUE SE COME?!

Este cordel é composto e subdividido, a saber: *Capa*; *Contracapa*; *Agradecimentos*; *Sumário*; *Apresentação*; *A caça de subsistência e suas implicações socioambientais*; *A caça comercial e suas implicações socioambientais*; *A caça esportiva e suas implicações socioambientais*; *A importância da consciência crítica frente a essa maleficência*; *Finalização*; e *Biografia*.

O cordel tem como título "Só se mata o que se come?!", trazendo uma provocação no que diz respeito à caça e seus aspectos associados, sendo um deles a crueldade que é matar. Assim sendo, quando praticada, essa ação vai muito além da obtenção de recurso alimentar, pode envolver adrenalina, lazer, ganância por dinheiro e outros.

Esta obra possui 32 (trinta e duas) páginas acrescidas de uma capa inicial e uma capa final, essa última diz respeito a biografia. Em cada página do cordel podemos encontrar até no máximo 3 estrofes, essas que são categorizadas como septilha, a qual possui 7 (sete) versos em cada uma delas com o padrão de rimas ABCBDDDB, isto significa que o segundo, o quarto e o sétimo verso rimam entre si, o quinto e o sexto verso rimam entre si, e o primeiro e o terceiro verso não rimam entre si e nem com nenhum outro verso. Em cada verso utilizamos a "redondilha maior", uma regra que estabelece 7 (sete) sílabas poéticas para cada um deles.

Nos *agradecimentos* deste cordel, percorremos um caminho diferente ao tradicional, ou seja, em vez de utilizar texto dissertativo corrido, utilizamos estrofes de cordel para também agradecer a Deus, a família, a orientadora, aos colegas e amigos. Na *apresentação* tivemos como objetivo mostrar qual a temática central do nosso cordel, bem como convidar o leitor a continuar na jornada da leitura desta obra. No tópico que fala da *caça de subsistência e suas implicações socioambientais* tivemos como objetivo falar o que é a caça e, especificamente, a caça de subsistência, quem a pratica, com qual intenção, o que representa para leis brasileiras e as suas implicações sociais, culturais e ambientais. Quando falamos da *caça comercial e suas implicações socioambientais* seguimos a mesma lógica do tópico anterior, porém, com as especificidades da caça comercial e acrescido de algumas técnicas de caça utilizadas pelos caçadores, os riscos zoonóticos decorrentes da prática da caça e outros. Na *caça esportiva e suas implicações socioambientais* também continuamos com a mesma lógica dos anteriores, mas com as especificidades da caça enquanto uma modalidade esportiva. Sobre *a importância da consciência crítica frente a essa maleficência*, objetivamos trazer o importante papel que ações educativas ambientais desempenham frente ao problema

da caça, uma educação que deve ser crítica e contínua. Como *finalização* trouxemos uma mensagem final demonstrando a grandeza do cordel, lembrando que caçar tem consequências e que essa ação é maldosa. Por fim, na *biografia* apresentamos os mentores deste cordel e suas trajetórias.

Esperamos que este cordel seja uma experiência positiva para você!

- Link de acesso ao cordel “Só se mata o que se come?!”:

https://drive.google.com/file/d/1RIkAoyZ7CESloo9HXIaaLc0xapf8aEnX/view?usp=drive_link

- Ou acesse o cordel “Só se mata o que se come?!” pelo *QR code*:



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em muitos momentos desta monografia, utilizamos da subjetividade para argumentar e dar novos significados às mensagens passadas, acreditando no potencial que isso tem para aproximar o campo do conhecimento popular e o campo científico do saber através de inferências com uma linguagem acessível, popular, objetiva e com embasamento científico, assim, um feito que acreditamos ser inédito para a temática pensada.

Face ao exposto, fizemos um levantamento bibliográfico sobre a caça de animais silvestres e sobre a EAC, sendo isso fundamental para a nossa reflexão crítica de como a EAC pode contribuir na sensibilização do problema socioambiental que é a caça.

Devemos lembrar que caçar tem consequências, então, qualquer que seja a modalidade da caça, deve ser limitada ou banida. Para isso, implementar diferentes políticas públicas assertivas se fazem necessárias para mitigar o cenário sanguinário da caça. Na conjuntura, para a caça de subsistência, políticas públicas socioeconômicas podem ajudar fornecendo condições financeiras e alimentares alternativas para famílias e comunidades necessitadas. Já para a caça esportiva e comercial, políticas públicas ambientais mais rígidas se fazem necessárias, sendo fundamental, nesse cenário, torná-las criminosas ao ponto de serem consideradas crimes inafiançáveis. Por fim, para todas as modalidades, políticas públicas educacionais, norteadas pela EAC, devem ser pensadas para sensibilizar sobre a caça.

Foi realizado um levantamento bibliográfico para falar sobre a literatura de cordel e as suas características, antes mesmo de analisar, sob a vertente crítica da EA, as concepções de cordelistas sobre a caça de animais silvestres em seus cordéis. Essa revisão foi essencial para que pudéssemos entender que o cordel vai muito além de um texto escrito rimado, já que possui métrica e oração, e tem uma estrutura específica que o define como pertencente à poesia popular. E mais, possui a capacidade de levar conhecimento de forma significativa, já que apresenta especificidades únicas, contribuindo para o processo educativo.

Quanto à análise crítica das concepções dos cordelistas, percebemos que apresentaram um limitado viés crítico em suas obras, ou seja, pouco contribuiu para uma reflexão crítica sobre a caça de animais silvestres e suas implicações socioambientais. Porém, diante do contexto histórico e político em que cada cordelista se encontra, há interferência na forma que escrevem os cordéis e, apesar do pensamento pouco crítico sobre a problemática, devemos considerar o importante avanço que essa poesia popular vem ganhando, inclusive sob uma

perspectiva crítica, e podemos ver algumas estrofes que apresentaram mensagens fortes sobre a caça, sendo um caminho interessante para gerar sensibilização sobre o problema.

Diante o exposto, devido a pouca informação crítica sobre a caça de animais silvestres na literatura de cordel, produzimos um cordel como recurso didático e que trouxe essa criticidade evidenciando a prática com suas diferentes modalidades e implicações socioambientais, além da importância que o processo educativo crítico desempenha para mitigar a problemática. Essa foi a oportunidade que tivemos para materializar em um cordel a tríade: literatura de cordel e Educação Ambiental Crítica, buscando sensibilizar sobre a crueldade que é a caça de animais silvestres e as suas consequências. Portanto, esta pesquisa traz à tona a interdisciplinaridade, demonstrando aos pesquisadores que há a possibilidade de unir ciência e saberes populares para provocar mudanças no comportamento social das pessoas. Esperamos que essa união possa inspirá-los na busca por essa integração, abordando temáticas variadas que contribuam ainda mais com a conservação da fauna silvestre, pois é nossa obrigação interceder para que possam viver com dignidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, A. P.; FEWSTER, R. M.; VENTICINQUE, E. M.; PERES, C. A.; LEVI, T.; ROHE, F.; JR, G. H. S. Empty forest or empty rivers? A century of commercial hunting in Amazonia. **Sci. Adv.**, v. 2, e1600936, p. 1-14, 2016.

ARAÚJO, B. E. F. de; LOURENÇO, F. M.; PELACANI, B. O potencial encontro da Educação Ambiental com a Literatura de Cordel. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.**, Rio Grande, v. 37, n. 1. Seção especial, p. 307-322, 2020.

BARBOSA, A. S. M.; PASSOS, C. M. B.; COELHO, A. de A. O cordel como recurso didático no ensino de ciências. **Experiência em Ensino de Ciência**, v. 6, n. 2, p. 161-168, 2011.

BARROS, J. D. A Revisão Bibliográfica – Dimensão fundamental para o planejamento da Pesquisa. **Instrumento**, UFJF, v.13, n.1, p. 1-13, 2011.

BEHLING, G. M.; CAPORLINGUA, V. H. Educação ambiental crítica e a transição paradigmática do direito ambiental na desobjetificação dos animais. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 22, n. 22, e0128, 2019.

BERTELLONI, F.; MAZZEI, M.; CILIA, G.; FORZAN, M.; FELICOLI, A.; SAGONA, S.; BANDECCHI, P.; TURVHI, B.; CERRI, D.; FRATINI, F. Serological Survey on Bacterial and Viral Pathogens in Wild Boars Hunted in Tuscany. **EcoHealth**, v. 17, n. 1, p. 85-93, 2020.

BRASIL. **Lei 5.197, de 3 de Janeiro de 1967**. Brasília, 1967. Disponível em: [L5197 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br). Acesso em: 16 jun. 2023.

BRASIL. **Lei 9.606, de 12 de fevereiro de 1998**. Brasília, 1998. Disponível em: [L9605 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br). Acesso em: 11 mar. 2023.

CARVALHO, I. C. da M. Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural. **Agroecol. e Desenv. Rur. Sustent.**, Porto Alegre, v.2, n.2, 2001.

DAHLES, H. Game Killing and Killing Games: An Anthropologist Looking at Hunting in a Modern Society. **Society & Animals**, v. 1, n. 2, p. 169-184, 1993.

DANTAS-AGUIAR, P. R.; BARRETO, R. M.; SANTOS-FITA, D.; SANTOS, E. B. dos. Hunting Activities and Wild Fauna Use: A Profile of Queixo D'antas Community, Campo Formoso, Bahia, Brazil. **Bioremediation, Biodiversity and Bioavailability**, v. 5, (Special Issue 1), p. 34-43, 2011.

ELIASON, S. L. Illegal Hunting and Angling: The Neutralization of Wildlife Law Violations. **Society & Animals**, v. 11, n. 3, p. 225-243, 2003.

FABRI, M. G. de S.; POLETO, R. de S. Revisão sistemática: a aplicação da literatura de cordel no ensino das disciplinas da área de educação ambiental. **Redin**, Taquara/RS, v.9, n.1 p. 207-223, 2020.

FELIPE, T. S. Antropocentrismo, sencientismo e biocentrismo: Perspectivas éticas abolicionistas, bem-estaristas e conservadoras e o estatuto de animais não-humanos. **Revista Páginas de Filosofia**, v. 1, n. 1, p. 2-30, 2009.

FELLET, J. Caçadores expõem matança de animais silvestres no Facebook e YouTube. **BBC News Brasil**, São Paulo, 16 jun. 2020. Disponível em: [Caçadores expõem matança de animais silvestres no Facebook e YouTube - BBC News Brasil](#). Acesso em: 13 out. 2023.

FERREIRA, D. S. S.; CAMPOS, C. E. C.; ARAÚJO, A. S. Aspectos da atividade de caça no Assentamento Rural Nova Canaã, Município de Porto Grande, Estado do Amapá. **Biota Amazônia**, Macapá, v. 2, n. 1, p. 22-31, 2012.

FERREIRA, I. M.; SALLA, P. de F.; PACHECO, S. M. Caça, manipulação e consumo de tatu (mammalia: cingulata) e o risco de zoonoses. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.7, p. 71236-71241, 2021.

GALIAZZI, M. do C.; SOUSA, R. S. do. A dialética na categorização da Análise Textual Discursiva: o movimento recursivo entre palavra e conceito. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v.7, n.13, p. 01-22, 2019.

GERRING, J. Qualitative Methods. **Annu. Rev. Polit. Sci.**, Austin, v. 20, p. 15-36, 2017.

GODOY, A. C. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, 1995.

JACOBI, P. R. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 233-250, 2005.

JÚNIOR, S. D. da S.; OLIVEIRA, G. P. T. de C. Do antropocentrismo ao biocentrismo: uma aproximação entre a dignidade humana e a dignidade animal não humana. **Revista Humanidades e Inovação**, v.7, n.4, p. 101-118, 2020.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. da C. As macro-tendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 23-40, 2014.

LIMA, G. F. da C. Educação ambiental crítica: do socioambientalismo às sociedades sustentáveis. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.35, n.1, p. 145-163, 2009.

LIOTTI, L. C.; BERTONI, D. O papel da Educação Ambiental na inserção da temática mudanças climáticas no processo educativo. In: DICKMANN, I.; LIOTTI, L. C (Orgs.). **Educação Ambiental Crítica na escola**. Chapecó: Livrologia, 2021, p. 103-125.

MARCONDES, N. A. V.; BRISOLA, E. M. A. Análise por Triangulação De Métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. **Revista Univap**, v. 20, n. 35, p. 201-208, 2014.

MARTINS, H. H. T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, 2004.

MENG, X. J.; LINDSAY, D. S.; SRIRANGANATHAN, N. Wild boars as sources for infectious diseases in livestock and humans. **Phil. Trans. R. Soc. B**, v. 364, p. 2697-707, 2009.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. Análise Textual Discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

NEVES, F. P. das. **Literatura de cordel – Origens e perspectivas educacionais**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, 2018.

NOGUEIRA, C. Natureza e ambiente na literatura de cordel brasileira. **Studies in Latin American Popular Culture**, v. 34, p. 128-146, 2016.

PEREIRA, J. P. R.; SCHIAVETTI, A. Conhecimentos e usos da fauna cinegética pelos caçadores indígenas “Tupinambá de Olivença” (Bahia). **Biota Neotrop.**, v. 10, n.1, p. 175-183, 2010.

POLETO, R. de S.; OLIVEIRA, T. E. de; RODRIGUES, H. C.; FABRI, M. G. S.; RESENDE, D. C. P. Um olhar para as práticas de Educação Ambiental com vertentes de CTSA nas aulas durante a pandemia. In: DICKMANN, I.; LIOTTI, L. C (Orgs.). **Educação Ambiental Crítica na escola**. Chapecó: Livrologia, 2021, p. 129-144.

QUEIROZ, P. M. S. de. **Cordel: um instrumento para a educação ambiental**. 2012. Dissertação (Mestrado em Planejamento Ambiental) - Universidade Católica de Salvador, Salvador/BA, 20 nov. 2012.

RAMOS, J. de O.; SILVA, S. do N.; SONODA, S. L. Análise e diagnóstico da Educação Ambiental nas escolas municipais da cidade de Aiquara-Bahia. In: Encontro Pesquisa em Educação Ambiental, 2., 2019. **Anais...**São Cristóvão: EPEA, 2019. p. 1-10.

REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

RIPPLE, W. J.; ABERNETHY, K.; BETTS, M. G.; CHAPRON, G.; DIRZO, R.; GALETTI, M.; LEVI, T.; LINDSEY, P. A.; MACDONALD, D. W.; MACHOVINA, B.; NEWSOME, T. M.; PERES, C. A.; WALLACH, A. D.; WOLF, C.; YOUNG, H.. Bushmeat hunting and extinction risk to the world's mammals. **R. Soc. open sci.**, v.3, 160498, p. 1-16, 2016.

ROSA, E. P. da; DICKMANN, I. Macrotendências da prática docente na disciplina de Educação Financeira e Sustentabilidade em escolas municipais de Chapecó-SC. In: DICKMANN, I.; LIOTTI, L. C (Orgs.). **Educação Ambiental Crítica na escola**. Chapecó: Livrologia, 2021, p. 33-52.

SAMPAIO, D. T. **A caça ilegal de animais silvestres na Mata Atlântica, Baixada Litorânea do estado do Rio de Janeiro, Brasil**: eficiência de proteção de reservas biológicas e triangulação do perfil da caça. 2011. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes/RJ, 2011.

SAMPAIO, D. T.; PEDLOWSKI, M. A.; FERRARI, S. F.; RUIZ-MIRANDA, C. R. **A caça de animais silvestres: usando o método da triangulação para compreender as suas causas e motivações**. In: 2º Seminário Internacional de Ecologia Humana. Anais..., v. 1, n. 1. Salvador: EDUNEB, 2014. p. 687-700.

SANGENIS, L. H. C; NIELEBOCK, M. A. P.; SANTOS, C. da S.; SILVA, M. C. C. da; BENTO, G. M. R. Transmissão da doença de Chagas por consumo de carne de caça: revisão sistemática. **Rev Bras Epidemiol**, v. 19, n. 4, p. 803-811, 2016.

SANTOS, A. E. dos. **Ciência, Cultura e Poesia Popular Nordestina: a Literatura de Cordel como ferramenta para o ensino e Divulgação Científica de conteúdos relacionados aos insetos**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 12 fev. 2021.

SILVA, A. F. da; BIANCHI, V.; ARAÚJO, M. C. P. de. Educação Ambiental Ensino Fundamental II: uma reflexão crítica. In: DICKMANN, I.; LIOTTI, L. C (Orgs.). **Educação Ambiental Crítica na escola**. Chapecó: Livrologia, 2021, p. 55-70.

SILVA, E. S; BARROS, F. B. A caça e os caçadores Tapirapé da Aldeia Tapi'itãwa. **Tellus**, Campo Grande/MS, v. 20, n. 42, p. 217-247, 2020.

SILVA, J. R. da; DOLCI, L. N.; REZENDE, P. A. C. A Literatura de Cordel na perspectiva da Educação Estético-Ambiental: o desenvolvimento da leitura, da escrita e da criticidade nos discentes dos anos iniciais. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.**, Rio Grande, Ed. Especial EDEA, n. 2, p. 4-18, 2019.

SILVA, M. C. C; GABRIEL, G. Literatura de cordel e narrativas ambientais. **RIF**, Ponta Grossa/ PR, v. 17, n. 38, p. 217-233, 2019.

SOUSA, T.; JÚNIOR, H. A. de S. Educação Ambiental Crítica ou Conservadora? Elementos para uma reflexão crítica acerca do Projeto ECOA. **AMBIENTE & EDUCAÇÃO**, Rio Grande, v. 23, n.1, p. 100-121, 2018.

ZAPPELLINI, M. B; FEUERSCHÜTTE, S. G. O uso da Triangulação na pesquisa científica brasileira em administração. **Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2 p. 241-273, 2015.